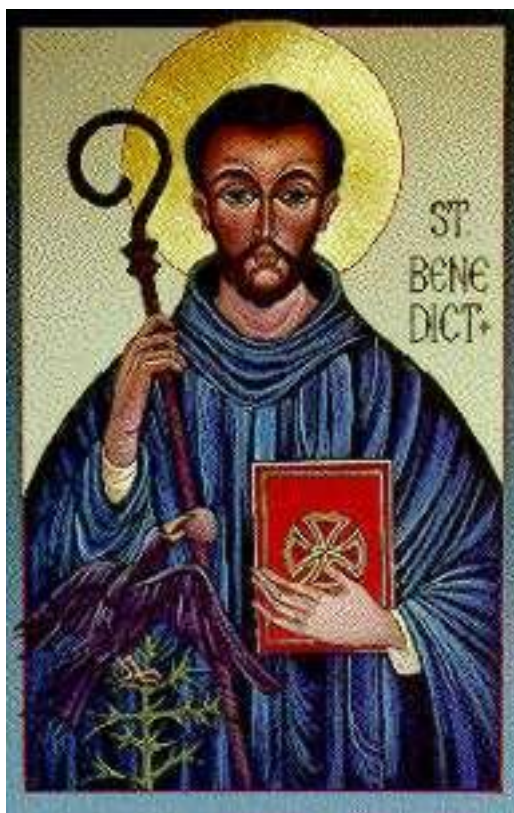


# O Patriarcado na Igreja



Quando Deus criou o Homem, fez dele o elemento principal de uma família, que não poderia subsistir sem ele. Fez depois a mulher para que, com ela, obtivesse os filhos necessários à formação de seu núcleo familiar. O conjunto formado pelo casal, filhos e, eventualmente, os serviçais, sob a direção do homem, deu origem à palavra “família” (do latim “famulus”).

Foi desta forma que surgiu o Patriarcado no mundo, uma instituição divina que, entretanto, cresceu naturalmente no correr do tempo. Deus não só instituiu o Patriarcado, mas criou uma “sociedade” dos santos patriarcas, conforme consta no livro de Tobias: “...*Nesta mesma noite, queimando o fígado do peixe, será posto em fuga o demônio. Na segunda noite serás admitido na sociedade dos santos patriarcas. Na terceira noite conseguirás a bênção, para que de vós nasçam filhos robustos. Passada a terceira noite tomarás a donzela no temor do Senhor, levado mais pelo desejo de ter filhos do que por sensualidade, a fim de conseguires nos filhos a bênção reservada à descendência de Abraão.*” (Tob 6, 19-22).

Esta “Sociedade Patriarcal” era constituída de uma contínua sucessão de homens fiéis a Deus, tendo recebido d’Ele a bênção especial da progenitura e da propagação de sua estirpe. E em respeito ao princípio do Patriarcado, até mesmo aqueles que pecaram e se enveredaram pelo caminho do mal obtiveram de Deus que seus nomes fossem mencionados com respeito e veneração pelas gerações futuras. É o caso, por exemplo, dos patriarcas Ismael, Esaú, Moab, etc,

A Sagrada Escritura faz suas revelações colocando em destaque sempre os Patriarcas. Eva só é importante enquanto companheira do Patriarca Adão. Depois de Eva, por muito tempo não se fala senão nos homens ou patriarcas. Adão e Eva tiveram muitas filhas, mas na Bíblia só se fala em Caim e Abel. Quando Caim se casou se registra o fato assim: “E Caim conheceu sua mulher, a qual concebeu e deu à luz Henoc”. Quem era esta mulher de Caim? Evidentemente que era uma filha de Adão, merecendo portanto ser pelo menos nominada, mas não se sabe quem foi. Importante é Caim, é Set, é Henoc, porque eram patriarcas. A Sagrada Escritura começa a falar de mulheres para registrar o surgimento da poligamia: “E este tomou duas mulheres, uma chamada Ada, e outra Sela” (Gn 4, 17-19). Mas logo em seguida os filhos masculinos de Ada são citados, Jabel e Jubal, assim como o de Sela, Tubalcain, ao lado de sua irmã Noema. Jabel era designado como um dos que “habitava sob tendas e dos pastores”, Jubal foi o mestre, o pai, dos que tocam cítara e órgão, Tubalcain era artífice em toda qualidade de obras de cobre e de ferro, mas de Noema nada se fala. Ela poderia ter sido, por exemplo, exímia na arte de tecer, mas nada se diz.

Em seguida a Sagrada Escritura fala de Set, filho de Adão. Depois, dentre os filhos de Set fala-se apenas de Enós, por que este “começou a invocar o nome do Senhor”. E toda a genealogia de Adão segue assim: gerou filhos e filhas, mas depois de Set aparece apenas citado o nome de Enós, que gerou Cainan, que gerou Malaleel, que gerou Jared, que gerou Henoc, que gerou Matusalém, etc. Henoc também gerou filhos e filhas, mas apenas os filhos são citados. Matusalém gerou Lamec, que gerou Noé. Todos estes patriarcas viveram trezentos, quatrocentos, quinhentos ou até novecentos anos, e geraram filhos e filhas. Mas apenas seus nomes são citados. Por que? Porque eles eram os patriarcas, eram os chefes das clãs, os principais - os demais, dentre os quais as mulheres, não tinham tanta importância para serem citados ou lembrados.

Inicialmente, a mulher foi citada como a grande vencedora da serpente: "Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela, e ela te pisará a cabeça com seu calcanhar" (Gên 3-15). Os teólogos vêm no texto uma clara alusão à Maria Santíssima, Mãe do Salvador. Depois, as mulheres começaram a ser referidas de uma forma coletiva (sem citar nomes) nas ocasiões em que causavam a perdição dos homens. Foi assim que “tendo os homens começado a multiplicar-se sobre a terra, e tendo gerado filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres...” Na Sagrada Escritura, alguns interpretam que “filhos de Deus” eram aqueles que viviam santamente, os descendentes de Set, mas o próprio Santo Agostinho interpreta o termo "filhos de Deus" como sendo os anjos. A interpretação de Santo Agostinho é corretíssima, pois não haveria motivos para a Bíblia se referir aos "filhos de Deus" como sendo os homens, porquanto era comum os homens tomarem as mulheres para si. Embora não possa se descartar a idéia de se chamar os homens bons também de “filhos de Deus”, que realmente eles o são.

Pelo texto se entende, então, que alguns anjos tomaram algumas das filhas dos homens como mulheres. E como se trata de uma ação maléfica, se depreende que tais anjos eram os demônios. De outro lado, as chamadas “filhas dos homens” eram as que praticavam o pecado, as descendentes de Caim. A coisa chegou a tal ponto que geraram gigantes entre eles, “homens

possantes e desde há muito afamados” (Gên 6, 4). A decadência era tamanha que Deus resolveu acabar com a humanidade e mandou o dilúvio. Em atenção à Noé, Patriarca puro e fiel a Deus, foi preservada a sua posteridade e dado continuidade ao povoamento da terra pelos homens. Quando tinha quinhentos anos, Noé teve seus filhos.

Quais eram os filhos de Noé? Sem, Cam e Jafet. Na hora de entrar na arca, entraram também as mulheres de Noé e dos filhos, mas quem eram elas? Não se sabe, pois seus nomes não são citados. Após o dilúvio, saíram todos da Arca e está escrito: “Estes são os três filhos de Noé, e por eles se propagou todo o gênero humano sobre a terra”. (Gn 9, 10). Se propagou como? A Sagrada Escritura não fala mais sobre as mulheres dos filhos de Noé nem de outras pessoas. A partir daí se começa a descrever toda a genealogia patriarcal da posteridade de Noé. Dois foram, portanto, os principais patriarcas da Humanidade, Adão e Noé, mas seus descendentes citados na Bíblia eram somente patriarcas das épocas em que viveram. Vieram depois os patriarcas do povo eleito, que veremos a seguir.

### **A) O Patriarcado no povo hebreu**

Adão e Noé foram os principais Patriarcas da humanidade; Abraão, Isaac e Jacó foram os Patriarcas principais do povo eleito. De Noé a Abraão há toda uma genealogia de patriarcas secundários. Tudo indica que os descendentes que se estabeleceram na Mesopotâmia, formando os povos primitivos, os sumérios e caldeus, saíram dentre os filhos de Sem. Os camitas, filhos de Cam, povoaram Canaã (Gn 10, 15-19). Canaã era a terra dos descendentes de Cam, sobre os quais havia caído a maldição da escravidão: *“maldito seja Canaã, ele será escravo dos escravos de seus irmãos”* (Gn 9, 25). Apesar disto, ou para compensar a escravidão, Deus lhes deu a “terra onde corria leite e mel”. Não há referências aos descendentes de Jafet, talvez sejam os que tenham vindo habitar a Ásia e as Américas.

Em determinado momento, um dos descendentes semita, o patriarca Taré, pega seu filho Abraão e seu neto Lot (sobrinho de Abraão), abandona sua cidade natal, Ur, na Caldéia, indo com destino a outra localidade. A Sagrada Escritura diz que foram “com destino a Canaã” e se fixaram em Haran, mas aí também não se fala na esposa de Taré. É provável que Taré tenha recebido alguma comunicação de Deus, ordenando-o que fosse para Canaã, mas o mesmo provavelmente não quis ou não pôde continuar a viagem e se fixou em Haran, aonde veio a falecer. Foi aí que Deus apareceu a Abraão e o mandou continuar a viagem e se mudar para a terra de Canaã. O seu sobrinho Lot o seguiu nesta viagem. (Gn 12, 1-6). Lá, Deus lhe disse: “Eu darei esta terra aos teus descendentes”. A partir daí se constituiu um costume entre seus descendentes: todo local onde o Senhor lhes aparecia era construído um altar.

É curioso que sendo Canaã a terra dos descendentes de Cam, sobre os quais havia caído a maldição de Deus (Gn 9, 25), tenha sido galardoada com tanta riqueza e fertilidade: era a terra onde “corria o leite e o mel”, segundo a expressão bíblica. No entanto era destinada por Deus aos descendentes de Abraão.

Mas Abraão não ficou muito tempo em sua nova morada, indo para o Egito, fugindo de grande fome que grassava naquele lugar. Este percurso migratório, da Mesopotâmia para Canaã e de Canaã para o Egito, faz supor

que o fluxo civilizador também caminhava neste sentido, pois o Egito se tornou o país mais poderoso durante muito tempo. E a cultura caldaica e suméria foi assimilada pelos egípcios, enquanto que os povos caldeus e sumérios se dispersaram.

A esposa de Abraão, cujo nome haveria de mudar de Sarai para Sara, era estéril mas de grande formosura. Também ela só é citada para ressaltar o Patriarca. Abraão temia que sua formosura fizesse com que o Faraó a tomasse, tendo se utilizado do artifício de dizer que Sarai era sua irmã e não sua esposa. Na realidade, o próprio Abraão disse a Abimelec que Sara era sua irmã por parte de pai (Gên 20, 12). Tal era a sua formosura que levaram-na à presença do faraó: "Tendo, pois, Abrão entrado no Egito, viram os egípcios que aquela mulher era muito formosa. E os príncipes (do país) fizeram-no saber ao faraó, e louvaram-na muito diante dele; e a mulher foi levada ao palácio do faraó" (Gên 12, 14-15). Por causa disto, Abrão (cujo nome mudou depois para Abraão), que era até então tido como irmão de Sarai, foi tratado muito bem, chegando a ganhar muitos presentes: ovelhas, bois, jumentos, jumentas, camelos, servos e servas. Como havia escravidão no Egito, é provável que a escrava Agar tenha sido dada a Abrão nesta oportunidade. Mas o Senhor feriu o faraó com vários castigos por ter ficado com a mulher de Abrão. O faraó chamou então o Patriarca e o recriminou por não ter dito que Sarai era sua esposa: "Por que disseste que ela era tua irmã, para que eu a tomasse por minha mulher? Agora, pois, aí tens a tua mulher, toma-a e vai-te. E o faraó deu ordens a seus homens para cuidarem de Abrão; e eles o acompanharam (até à saída do Egito) com sua mulher e com tudo o que possuía" (Gên 12, 19-20).

A simplicidade deste povo primitivo desnorteia o homem moderno. Embora o faraó fosse pagão e provavelmente praticasse a poligamia, respeitou prontamente a esposa de Abraão quando soube que eram casados. E aí ocorreu justamente o que ele mais temia: o Faraó pensando que ela era apenas sua irmã a toma por uma de suas mulheres. Depois, com medo de castigos divinos a devolve a Abraão. Que formosura tinha esta mulher para chegar a atrair o próprio rei, sabendo-se que era estrangeira?

Abraão torna a voltar para Canaã, desta vez já muito rico. Acompanhava-o o seu sobrinho Lot. Estabeleceram-se próximo a um local onde havia sido ereto um altar a Deus. Talvez tenha sido lá que o Patriarca Abraão teve seus filhos: Isaac, filho da esposa legítima (Sara), e Ismael, filho da escrava Agar. Estes são mais citados na Escritura porque eram Patriarcas e deram origem àqueles dois povos, porém outros filhos não são quase mencionados, citados no Gênesis (25, 1-4) e "Crônicas" (1, 32), por terem nascidos de "Cetura, sua mulher de segunda ordem", com quem se casou após a morte de Sara, que eram em número de seis: Zamran, Jecsan, Madan, Madian, Jesboc e Sué. Estes últimos, por não serem patriarcas, caíram no esquecimento.

## **B) Alguns aspectos negativos do patriarcado hebreu**

Ao longo do tempo, o que se nota é que os homens de bem nas épocas do início da humanidade sempre foram uma minoria irrisória. Isto foi assim até a época de Noé, ele mesmo o único homem justo em meio de uma humanidade pervertida. Quando Noé e seus filhos repovoaram a terra,

novamente os maus dominavam sempre, dando azo a que Deus novamente os castigasse com a confusão das línguas, o episódio famoso da torre de Babel.

Assim, a maioria dos patriarcas do povo eleito nasceram e viveram em meio a costumes depravados ou, pelo menos, inadmissíveis para nós, cristãos, e tiveram que também aceitar alguns deles. O próprio Abraão, o primeiro dos patriarcas hebreus, aceitou coabitar com a escrava de Sara, Agar, para com ela ter um filho. Já Isaac manteve uma linha de conduta mais pura, tendo uma só esposa. Jacó, de onde saíram as doze tribos de Israel, teve seus 12 filhos de quatro mulheres, as duas irmãs tomadas como esposas e suas respectivas escravas.

O caso mais escandaloso ocorreu com Lot, um patriarca secundário, mas um homem justo e temente a Deus. Tendo sido levado pelos anjos para a cidade de Segor, salva da destruição a seu pedido, foi lá que suas duas filhas demonstraram seu grau de perversão moral. As duas embebedaram o pai com o fim de dormir com ele e, engravidando, ter filhos. E o filho da mais velha se chamou Moab, portanto, um patriarca, de onde originou os moabitas; e o da mais nova se chamou Amon, patriarca dos amonitas (Gên 19, 30-38). Por descenderem de Lot, embora originando uma má progenitura, a Sagrada Escritura os lembra como patriarcas.

Uma exceção honrosa é o Patriarca José, filho de Jacó, casto e justo. No entanto, seu principal irmão, Judá, exatamente aquele de onde deveria sair a estirpe do Messias, sempre procedeu mal. Foi ele um dos articuladores do crime perpetrado contra o próprio irmão José, primeiramente jogando-o num poço e depois, a pedido de Benjamin, vendendo-o como escravo aos mercadores. Em seguida, ocorreu um caso rumoroso com a nora de Judá, chamada Tamar. Como o filho primogênito de Judá e marido de Tamar, Her, a quem cabia continuar o patriarcado, procedeu mal e foi morto por Deus, ficou assim a viúva, Tamar, sem marido e sem dar continuidade à estirpe.

### **O castigo de Onan e o ardil de Tamar**

Como mandava a tradição, Judá ordenou que o segundo filho, Onan, desposasse a viúva: “Desposa-te com a mulher de teu irmão, vive com ela, para suscitares descendência a teu irmão” (Gên 38, 8). Porém, Onan também prevaricou, sendo castigado por Deus com a morte. Sabendo ele que os filhos nascidos de Tamar dariam descendência a seu irmão falecido, “quando se juntava com a mulher de seu irmão, impedia que ela concebesse”. Por isso, o Senhor o feriu de morte, porque fazia uma coisa detestável. Por aí se vê o quanto Deus detesta a contracepção, a tão propalada limitação dos filhos. Acabaria ali a descendência patriarcal de Judá pela segunda vez. O costume deveria ser cumprido e dar-lhe por marido o último dos filhos de Judá, Sela, ainda solteiro, mas pequeno demais. Judá prometeu dar à viúva de Onan aquele filho quando chegasse à idade adequada, mas esqueceu-se.

Tamar armou uma trama, da seguinte forma:

“Foi noticiado a Tamar que seu sogro ia a Tamnas para tosquiá as ovelhas. Então ela, depondo os vestidos de viúva, tomou um véu e, disfarçada, sentou-se na encruzilhada do caminho que conduz a Tamnas; porque Sela tinha crescido, e não lho tinham dado por marido. Judá, tendo-a visto, julgou que era meretriz; porque tinha coberto seu rosto para não ser reconhecida<sup>1</sup>. Chegando-se a ela, disse: Deixa que me junte contigo; porque ignorava que

---

<sup>1</sup> Vê-se como as meretrizes daquela época ainda tinham algum resquício de vergonha e pudor.

fosse sua nora. E, tendo ela respondido: que me darás para gozares de mim? Ele disse: Mandar-te-ei um cabrito dos rebanhos. Ela replicou: Consentirei no que queres, contanto que me dês um penhor, até que mandes o que prometes. Judá disse: que queres que eu te dê por penhor? Respondeu: o teu anel, o bracelete e o cajado que tens na mão. A mulher concebeu, pois, com um só ajuntamento, e, levantando-se, retirou-se; deposto o traje, que havia tomado, vestiu-se com os vestidos de viúva” (Gên 38, 13-19).

Veja-se que foi Judá que abordou a “meretriz” propondo o pecado. As conseqüências vieram em seguida. Quando Tamar estava grávida, foram comunicar o fato a Judá, a quem cabia fazer cumprir a lei, como patriarca que era. Levaram, pois, Tamar, à sua presença para que fosse julgada e, em seguida, apedrejada. Mas a lei pedia que o homem que engravidou a mulher também fosse punido. Quando Judá perguntou a ela quem havia feito aquilo, Tamar apenas apresentou-lhe os objetos que ele mesmo lhe havia dado por penhor: o anel, o bracelete e o cajado, dizendo: foi o homem que me deu isto como penhor. Descobrimo que havia sido logrado, e que ele mesmo tivera mais culpa que sua nora, Judá a perdoou e aí se concretizou no próprio patriarca o costume do levirato.

### **O rapto de Dina**

Dina era a única mulher que houvera nascida de Jacó, filha de Lia. Cometeu ela a leviandade de ir visitar um povo pagão. Lá chegando foi objeto de uma paixão ardente de um príncipe heveu, por nome Siquém, que a raptou e a deflorou à força. De tal sorte Siquém ficou enamorado de Dina que, acompanhado do pai, foi a procura de Jacó para demonstrar arrependimento e pedir que autorizasse o casamento deles.

Feita e aceita a proposta, em companhia de seu pai, Siquém volta para seu povo para concluir o acordo: seriam realizados matrimônios recíprocos entre as duas famílias e a terra seria habitada em comum. No entanto, os filhos de Jacó, mesmo após o acordo, invadiram as terras de Siquém, mataram todos os homens e trouxeram Dina de volta. “Praticado isto com tanta audácia, disse Jacó a Simeão e Levi: Vós me afligistes e me tornastes odioso aos cananeus e aos ferezeus, habitantes deste país; eles congregados acometerão, e serei destruído eu e a minha casa. Eles responderam: Porventura deviam eles abusar da nossa irmã como de uma prostituta?” (Gn 34, 30-31). Em seguida, Deus apareceu a Jacó e ordenou que abandonasse aquele lugar.

No entanto, tais aspectos negativos, acima relatados, não desmerecem as figuras ímpares desses homens. É preciso notar que eles viviam numa época cheia de costumes vis, quando os próprios homens bons desconheciam ainda os preceitos divinos, somente explicitados por Moisés quatro séculos depois. Os únicos mandamentos divinos, repetidos pela tradição, eram os que mandavam crescer e se multiplicar.

### **C) Rute, o elo para a continuidade de descendência patriarcal do Messias**

Rute é uma das poucas mulheres que teve um livro da Sagrada Escritura com seu nome e sua história. As outras foram Judite e Ester. Quem foi Rute? Por que as Escrituras deram-lhe tanta importância, a ponto de lhe

dedicar um livro? Vários pontos podem ser esclarecidos e várias questões respondidas nesta singela história de uma simples viúva. Em primeiro lugar Rute não era hebréia, mas moabita, um povo proscrito pelas leis mosaicas, mas também descendente das sociedades patriarcais tradicionais, pois provinham de Lot..

Ela foi, na verdade, o elo para que se continuasse a descendência patriarcal da tribo de Judá, de onde viria o rei Davi e o próprio Jesus Cristo. Por este fato é que a Sagrada Escritura lhe dá tanta importância e conta a sua história, aliás, cheia de exemplos de bondade e virtudes.

### **Importância das rainhas-mães no povo hebreu**

A Sagrada Escritura, porém, não dava pouca importância ao papel das mulheres na sociedade. Além do exemplo do livro de Rute, temos também a referência que se fazia ao nome das mães dos reis israelitas. Quase todo rei hebreu tem seu nome ligado ao de sua mãe. Depois da morte de Salomão e do cisma de Samaria, os reis são citados na Sagrada Escritura quase sempre junto com o de sua genitora, a fim de que assim fosse conhecida também a descendência pelo levirato. Os reinos tinham como sedes as cidades de Jerusalém, o de Judá, e Samaria, o de Israel. De modo geral, são citadas as mães dos reis de Judá, talvez por causa da profecia que previa a origem do Messias naquela tribo. Na seqüência de reis que vai da morte de Salomão até a destruição do reino de Israel (da Samaria) são de modo geral citadas as mães daqueles que procederam corretamente. Depois disto, são citadas todas as mães dos reis de Judá, quer tenham sido eles bons ou não.

O primeiro a ser assim mencionado foi Josafá (I Rs 22, 41-42): *“Josafá, filho de Asa, sua mãe chamava-se Azula, filha de Salai... ..fez o que era reto diante do Senhor”*. Seu sucessor, Jorão, não mereceu que tivesse sua mãe citada certamente porque *“...procedeu mal diante do Senhor”*. Já o seguinte, Acazias, embora tenha procedido mal mereceu que sua mãe, Atália, fosse mencionada, uma mulher ruim que perverteu mais ainda o reino após a morte do filho. Um outro rei muito ruim foi Acaz, tão ruim que ofereceu seu próprio filho para ser queimado aos ídolos, e, talvez por isso, não se sabe o nome de sua mãe. Temos, depois, uma sucessão de reis de Judá que são mencionados ao lado de sua mãe: Joás, filho de Sebia; Ananias, filho de Joadan; Azarias, filho de Jequélia, Joatão, filho de Jerusa, Ezequias, filho e Abi (todos estes tendo procedido corretamente); Manassés, filho de Hafsiba; Amon, filho de Messamelet; Josias, filho de Idida; Joacaz, filho de Amital; Joaquim, filho de Zébida e Sedecias, filho de Amital (sendo que, entre estes seis últimos reis, apenas Josias procedeu bem).

Quanto ao reino de Samaria, ou de Israel, tivemos apenas alguns deles citados ao lado de sua mãe, como o primeiro deles que foi Jeú, o qual começou bem o reinado mas acabou mal: *“No sétimo ano de Jeú, Joás começou a reinar e reinou quarenta anos em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Sebia, de Bersabéia...”* (II Reis 12, 1); tudo indica que a citação procede do fato de Sebia ser da tribo de Judá. Um outro citado com a mãe foi Facéia, filho de Romélia.

Parece que o Divino Espírito inspirava o escritor sagrado a prefigurar nas mães dos reis do povo eleito a importância que seria dada futuramente à Mãe do Rei dos reis, Maria Santíssima. E a Sagrada Escritura dava importância às mães dos reis de Judá, por ser desta tribo que viria o Messias, e

àqueles que procediam corretamente. O livro de Rute, como que, dava início a esta citação matriarcal, a qual seria respeitada nas pessoas de todos os reis legítimos de Judá.

### **O costume do levirato entre os judeus**

Para chegarmos a Rute, vejamos o que aconteceu com os ancestrais de sua tribo. A descendência de Judá iria ficar interrompida já no primeiro filho primogênito daquele Patriarca, chamado Her, que "foi mau diante do Senhor e o Senhor o fez morrer" (I Crôn. 2, 3). Como Her não iria deixar descendência, sua viúva, Tamar, se prevaleceu do chamado "levirato" e se casou com Onan. Mas este também prevaricou, como vimos acima, e foi morto por Deus.

Como Judá prometera-lhe o último de seus filhos, Sela, mas esqueceu-se, Tamar fez uma trama para se unir ao sogro Judá, embora de uma forma artificiosa, e com ele ter filhos para dar continuidade à sua herança. No Deuteronômio ficou estabelecido: "Quando morarem irmãos juntamente e um deles morrer sem filhos, a mulher do defunto não casará com um estranho, mas o irmão do defunto a receberá e suscitará descendência a seu irmão. Ao filho primogênito que tiver dela porá o nome do seu irmão, para que o nome deste não se extinga em Israel". (Deut 25, 5-6). Lembremo-nos que o termo "irmão" é utilizado nas Sagradas Escrituras de uma forma abrangente a todos os parentes colaterais, primos, tios, até cunhados, sogros e genros, além dos irmãos propriamente ditos. A lei do levirato, que deveria ser já um costume, passou a ser oficializada por Moisés.

Fato semelhante estava para ocorrer no tempo dos Juízes com Maalon, último descendente da tribo de Judá, casado com Rute. O Patriarca principal e pai de Maalon, chamado Elimelec, casado com Noemi, havia saído de seu país por causa da seca e emigrado para as terras dos moabitas. Lá, morre Elimelec e seus filhos homens, Maalon e Quelion, sem deixar filhos. A tribo de Judá estava novamente sem descendentes e não havia como cumprir a profecia de Jacó: *"O cetro não será tirado de Judá, nem o príncipe da sua descendência, até que venha Aquele que deve ser enviado. E ele será expectativa das nações"* (Gen 49, 10-11)

Resolveu então Noemi voltar para sua terra, aconselhando às suas duas noras, Orfa e Rute, moabitas, para ficarem entre seu povo. No entanto, as duas insistiam em acompanhar Noemi. O argumento que Noemi usava era apenas o do casamento: "Ide para casa de vossa mãe, o Senhor use convosco de misericórdia, como vós usastes com os que morreram e comigo. Ele vos faça encontrar paz nas casas dos maridos, com quem tiverdes a sorte de casar". No entanto, ela provavelmente temia também o rigor das leis mosaicas contra o povo moabita, que Moisés havia proscrito do convívio dos hebreus.

Noemi era efrata, natural de Belém, onde residia a tribo de Judá e lá havia deixado seus bens e parentes. Enquanto Rute, moabita, por ser uma mulher de boa índole, queria, de todo o coração, ser parte do povo hebreu e seguir as leis que o regiam. Por causa disto insistiu e seguiu sua sogra, enquanto que a outra nora ficou.

Como deveria se comportar a estrangeira junto dos hebreus? Moisés havia determinado: *"Quando segares a messe no teu campo e deixares por esquecimento alguma gavela, não voltarás para a levar, mas deixa-la-ás tomar ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, a fim de que o Senhor teu Deus te abençoe em todas as obras das tuas mãos"*. (Deut. 24, 19-20). Rute disse à sua sogra:



*"Se o mandas, irei ao campo apanhar as espigas que escapam das mãos dos segadores, onde quer que eu encontre algum pai de família que se mostre clemente para comigo".* Havia na cidade um rico parente de Elimelec, chamado Booz, e foi para lá justamente que Rute se dirigiu, embora sem saber quem era.

Como Rute já era conhecida como uma pessoa bondosa, e tendo exercido o seu trabalho com afinco, pois ia "atrás dos segadores desde manhã até agora, e não voltou a casa nem um momento", Booz gostou dela e lhe autorizou que diariamente viesse ali fazer seu trabalho. Rute estranhou que ele tivesse sido tão benevolente para com ela, e Booz respondeu: *"Foi-me contado tudo o que tens feito para com tua sogra depois da morte do teu marido; como deixaste os teus parentes, a terra onde nasceste, e vieste para um povo que antes não conhecias"*. Em seguida ordenou que lhe dessem de comer e, quando estivesse no campo, não só permitissem Rute apanhar as espigas que caíam das gavelas<sup>2</sup> mas deixassem que algumas caíssem de propósito para que ela as apanhasse.

Naquele dia, Rute apanhou muitas espigas de trigo e, chegando em casa, mostrou-as à suas sogra. Havia também juntado muita comida que lhe deram do sobejo, a qual deu também à Noemi. Quando contou que aquilo tudo tinha sido colhido na propriedade de Booz, Noemi sentiu viva alegria e contou-lhe que aquele homem era seu parente e muito poderoso em Belém. Em seguida, ordenou a Rute que voltasse a segar no campo de Booz, orientando-a para tentar conquistar o coração dele: *"Este Booz, com cujas criadas andaste junta no campo é nosso parente e esta noite joeira a cevada na sua eira. Lava-te, pois, unge-te, toma os teus melhores vestidos e vai á eira. Não te veja este homem, sem que tenha acabado de comer e de beber. E, quando for dormir, observa o lugar em que dorme; e irás, e levantar-lhe-ás a capa com que se cobre da parte dos pés e ali te deitarás e dormirás; e ele te dirá o que deves fazer"*. Rute prometeu fazer tudo da forma como a sogra lhe recomendou...

E de fato o fez. Parece que era uma espécie de "ritual" ou costume, que Booz certamente muito conhecia, e que significaria um pedido de casamento ou, pelo menos, uma apresentação ou pedido de proteção. Quando Booz deu por conta e viu Rute, exclamou: *"Quem és tu?"* Ao que ela respondeu: *"Sou Rute, tua serva. Estende tua capa sobre tua serva, porque és parente"*. Em seguida, Booz passa a elogiar a boa mulher e lhe prometer fazer tudo por ela, mas por causa de suas virtudes e não por motivos materiais ou egoísticos: *"Filha, bendita sejas do Senhor, excedeste a tua primeira bondade com esta de agora, pois que não buscaste jovens pobres ou ricos. Não temas, pois, que eu te farei tudo o que me disseres, porque todo o povo que habita dentro das portas da minha cidade, sabe que és uma mulher de virtude. Nem eu nego que sou teu parente, mas há outro mais próximo que eu"*.

Sim, a lei do levirato mandava que a obrigação de casar-se com a viúva deveria recair sobre o irmão mais próximo. Booz sabia que através de Rute passaria a assumir toda a herança da família, que era rica, eles eram os principais herdeiros da tribo de Judá, mas insistia em cumprir a lei: deveria procurar o parente mais próximo de Rute e lhe perguntar se não tinha interesse em desposar a viúva.

Para casar-se com Rute, Booz se utilizou de um estratagema: *"Foi pois Booz para a porta (da cidade) e sentou-se ali. Vendo passar o parente de que*

---

<sup>2</sup> Gavelas – feixes de espigas de trigo, o mesmo que "braçadas".

*antes falamos, chamando-o pelo nome, disse-lhe: Vem cá por um pouco, senta-te aqui. Ele foi e sentou-se. Então Booz tomando dez homens dos anciãos da cidade, disse-lhes: Sentai-vos aqui. Estando eles sentados, disse ao seu parente: Noemi, que voltou do país de Moab, está para vender uma parte do campo de Elimelec, nosso irmão; eu quis informar-te disso e dizer-to diante de todos os que estão aqui sentados, e dos anciãos do meu povo. Se o queres possuir pelo direito de parentesco, compra-o e fica com ele, mas se te desagrada, dize-mo, para que eu saiba o que devo fazer; porque não há outro parente senão tu, que és o primeiro, e eu, que sou o segundo".* O inquirido respondeu que tinha interesse em comprar o campo de Noemi, mas Booz aí acrescentou que era necessário que ele se casasse com a viúva Rute, "mulher do defunto, para que suscites o nome do teu parente na sua herança". Neste caso, o interessado desistiu porque não queria renunciar a dar continuidade ao parentesco de sua família, ele já era um patriarca e não queria desistir do patriarcado de sua estirpe em benefício de outra.

Era um costume antigo em Israel entre os parentes, que quando um cedia o seu direito a outro, para a cessão ser válida, o que cedia tirava o sapato e dava ao seu parente. Assim, Booz exigiu que seu parente tirasse o sapato e lhe desse, declarando em seguida: *"Vós sois hoje testemunhas de que entro a possuir tudo o que era de Elimelec, de Quelion e de Maalon, entregando-me Noemi; e de que recebo por esposa Rute, moabita, mulher de Maalon, a fim de eu fazer reviver o nome do defunto na sua herança, para o seu nome não se extinguir na sua família e entre os irmãos e no seu povo".*

Foi desta forma que a geração de Judá continuou, tendo Booz gerado Obed, e Obed gerado Isaí (ou Jessé), pai do rei Davi, de cuja família nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo, exatamente em Belém, a mesma cidade onde ocorreu esta história. Eis a razão da história de Rute. É como se ela fosse um elo para dar continuidade ao Patriarcado de uma das mais importantes famílias, da qual sairia o Messias.

#### **D) Deus escolheu homens para o sacerdócio<sup>3</sup>**

Assim como Deus quis criar um Patriarcado genético para daí suscitar as gerações que povoassem a terra, efetivamente criou também uma espécie de Patriarcado espiritual, o sacerdócio, exclusivo dos homens.

No início da humanidade, o sacerdócio era exercido de uma forma rudimentar, não era ainda uma instituição formal criada por Deus. No entanto, as funções próprias do sacerdote eram exercidas só por homens, inicialmente pelos chefes de famílias ou Patriarcas e depois pelos chefes de tribos. Os primórdios do sacerdócio foram praticados por Caim e Abel. "Passado muito tempo, aconteceu oferecer Caim, em oblação ao Senhor, dos frutos da terra. Abel também ofereceu dos primogênitos do seu rebanho e das gorduras deles..." (Gên 4, 3-4). Era um sacrifício primitivo, mas era uma espécie de ritual de oferendas a Deus, sendo que o mais perfeito era o de Abel porque havia imolação de vítimas animais. A perfeição da oferenda sempre se mediou pelo valor das vítimas, e Caim havia oferecido frutos em vez de animais. Um outro provável sacerdócio remoto foi o de Enós, que "começou a invocar o nome do Senhor" (Gên 4, 26). Esta expressão significa fazer imolação a Deus, como se

---

<sup>3</sup> Ver na internet TV Arautos [http://tv.arautos.org/movie/show/\\*0e0JgFm6NsyTRw9](http://tv.arautos.org/movie/show/*0e0JgFm6NsyTRw9)

vê em Gênesis 13-4 quando Abraão erigiu um altar para "invocar o nome do Senhor". Quer dizer, vêm-se aí duas funções próprias do sacerdócio sendo exercidas pelos primeiros homens: oferecer holocaustos e invocar o nome de Deus.

O Patriarca Noé talvez tenha sido o primeiro a erigir um altar para a oferta de sacrifícios de imolação a Deus: "E Noé edificou um altar ao Senhor, e, tomando de todos os animais e de todas as aves puras, ofereceu-os em holocausto sobre o altar" (Gên 8, 20). As ofertas a Deus passaram a ser diferentes com o sacerdote Melquisedec (Gn 14, 18), uma pré-figura do Sacrifício da Nova Aliança: "E Melquisedec, rei de Salém, trazendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus Altíssimo, o abençoou e lhe disse...".

Alguns altares foram erigidos por Abraão, embora ele não exercesse funções tipicamente sacerdotais: "E o Senhor apareceu a Abraão e disse-lhe: Eu darei esta terra aos teus descendentes. Naquele lugar (Abraão) edificou um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido". (Gên 12, 7). Abraão tinha tomado posse da terra de Canaã. Esteve no Egito, onde não fez sacrifícios, e voltou para Canaã novamente, levantando sua tenda próxima do mesmo altar que anteriormente havia feito (Gên 13, 4). E aí "invocou o nome do Senhor". Outro altar foi construído em Canaã, "ao pé do vale do Mambré" (Gn 13, 18). Mas os rituais ainda não eram perfeitos.

A descendência de Abraão é prometida profeticamente como numerosa, mas que "será reduzida à escravidão" (Gên 15, 13) por mais de 400 anos. Então, Deus desejava que houvesse uma escravidão que fosse exercida sobre todo um povo, e o seu Povo Eleito, como meio de fazê-lo perfeito. Aqui não se trata propriamente de uma maldição, mas algo parecido, pois Deus assim condena a descendência de Abraão, depois que "um horror grande e tenebroso o acometeu": "Sabe, desde agora, que a tua descendência será peregrina numa terra não sua, será reduzida à escravidão, e afligida durante quatrocentos anos". Logo depois, Deus estabelece o prêmio: "Mas eu exercerei os meus juízos sobre o povo ao qual estiverem sujeitos; e sairão depois (desse país) com grandes riquezas" (Gên 15, 13-14).

Que teria ocorrido para que Deus estabelecesse o castigo da escravidão aos descendentes de Abraão? Tudo indica que o Patriarca não cumpriu fielmente a ordem de fazer o sacrifício que Deus ordenara anteriormente. Não seguiu o ritual, como que a incipiente "liturgia" do sacrifício que Deus lhe ensinara a fazer. Abraão abriu a vaca, a cabra e o carneiro, dividiu-os ao meio e pôs as partes uma defronte da outra. Mas não fez o mesmo com as aves, a rola e a pomba. É provável, pelo que se depreende do texto, que ele nem sequer tenha matado as aves, pois estas "desciam sobre os cadáveres" e eram enxotadas pelo Patriarca. Como é que elas desciam sobre os cadáveres dos animais se estes estivessem na fogueira do sacrifício? Será que Abraão relutava em fazer o sacrifício ou estava tentando fazer um ritual próprio, diferente daquilo que Deus lhe ordenara? Deduz-se, pelo fato de ter havido uma quase maldição de sua descendência, que o Patriarca não fizera um sacrifício perfeito. Por exemplo, o sacrifício feito por Noé foi "tomando de todos os animais e de todas as aves puras", oferecendo-os em holocausto sobre o altar (Gên 8, 20). Talvez este fosse um sacrifício mais perfeito.

Aos poucos o Patriarca foi crescendo em fidelidade a Deus, até o ponto do Senhor ordenar que fizesse o sacrifício perfeito: Abraão teria que oferecer em holocausto a Deus o que ele mais amava, seu filho único Isaac. Era a

reparação por ter feito o anterior de forma imperfeita. Eis aí a prefigura do sacrifício mais perfeito de todos: o do Filho de Deus único, Nosso Senhor Jesus Cristo, morto na cruz. Testada sua obediência, Deus não permite que consuma o fato e um anjo substitui seu filho por um cabrito (Gên 22, 54).

No entanto, o modelo do sacerdócio antigo encontramos em Melquisedec, pois ele é uma prefigura perfeita do Sacerdote Divino, Nosso Senhor Jesus Cristo, e da perfeita Oferenda: é o único caso citado no Antigo Testamento em que as oferendas são em forma de pão e vinho. Melquisedec era sacerdote e rei (de Salém) e sua oferenda foi aceita (Gn 14, 18), mas não consta que tenha sido oficializado aquele tipo de oferenda, pois até à vinda de Jesus Cristo os hebreus ofereciam normalmente vítimas animais, aves e cordeiros.

Em Madian, Moisés foi encontrar um sacerdote, seu futuro sogro, por nome de Raguel ou Jetro. Provavelmente ele seguia os rituais que a Tradição do povo eleito vinha transmitindo de seus ancestrais. E talvez estivesse sendo fiel a esta tradição porque fugira do Egito para Madian, pois lá os hebreus eram perseguidos e não podiam fazer seus sacrifícios com liberdade. Quando Moisés estava no deserto com seu povo, Jetro veio ao seu encontro e foi o primeiro sacerdote a fazer oblações a Deus: "Jetro, pois, sogro de Moisés, ofereceu a Deus holocaustos e hóstias; e Aarão e todos os anciãos de Israel vieram comer com ele diante do Senhor" (Ex 18, 12). "Holocaustos e hóstias", quer dizer, cabritos e aves. Foi neste encontro com Moisés que Deus patenteou a importância que o poder espiritual tem sobre o temporal, pois foi Jetro que foi inspirado a ensinar a Moisés a melhor forma de dirigir e julgar o povo (Ex 18, 17-27). Por que Deus não o inspirou ao próprio Moisés? Porque este não tinha recebido o carisma do sacerdócio, embora fosse o principal patriarca e guia do povo.

Aarão, irmão de Moisés, tornou-se o mais importante sacerdote dos hebreus, enquanto Moisés não recebeu de Deus o carisma sacerdotal, embora fosse da tribo de Levi, de tradição sacerdotal. Tal carisma era já concedido a vários homens entre os hebreus, mas mesmo assim Deus não permitiu que os mesmos se aproximassem do monte Sinai quando quis aparecer ao povo (Ex 19, 22-25): "Os sacerdotes também que se aproximam do Senhor, santifiquem-se para que ele não os fira (de morte)". Moisés alegou que o povo não poderia se aproximar muito de Deus, subindo o monte Sinai, porque Deus estabelecera um limite, ao que Deus respondeu: "Vai, desce, e (em seguida) subirás, e Aarão contigo; os sacerdotes, porém, e o povo não ultrapassem os limites, nem subam para o Senhor, não suceda que ele os mate". A verdadeira tradição sacerdotal havia sido transmitida de Jetro para Aarão, por isso os outros sacerdotes não poderiam subir o monte e passar dos limites estabelecidos. Porém Moisés poderia subir porque ele tinha o dom da Profecia e era Patriarca espiritual do povo, embora não fosse sacerdote. Era como se Deus quisesse ter em sua presença os representantes dos poderes espirituais e temporais.

Como mostra dos requisitos de uma perfeita oblação ou oferenda a Deus, a primeira coisa que o Senhor ensinou aos hebreus, por intermédio de Moisés, era sobre como deviam fazer seus altares: "Far-me-eis um altar de terra, e oferecereis sobre ele os vossos holocaustos e as vossas hóstias pacíficas, as vossas ovelhas e bois em todo o lugar onde se fizer memória de meu nome; eu virei a ti, e te abençoarei. Se, porém, me edificares algum altar de pedra, não o edificarás de pedras lavradas; porque, se levantares sobre o

cinzel ficará poluto. Não subirás por degraus ao meu altar, para que não se descubra a tua nudez" (Gên 20, 23-26). Era necessário evitar que se fizessem figuras no altar por causa da tentação de idolatria que havia entre os hebreus, daí a recomendação de não se lavar a pedra. Do mesmo modo, o holocausto feito aos falsos deuses era punido com a pena de morte: "Aquele que sacrificar aos deuses, à exceção só do Senhor, será morto" (Ex 22, 20). E o holocausto feito a Deus deve ser do melhor animal que a pessoa possua: "O mesmo farás dos bois e das ovelhas; esteja (o primogênito) sete dias com sua mãe, e no oitavo dia oferecer-me-ás" (Gên 22, 30). Depois seguem recomendações de como devem ser preparadas as vítimas dos holocaustos.

### **Entre alguns povos pagãos, o "sacerdócio" era exclusivo dos homens**

Não há registro de nomes de sacerdotes famosos entre os povos antigos a não ser entre os hebreus, ou os que se relacionaram com aquele povo. Entre os egípcios antigos, a prática do "sacerdócio" era exercida pelos homens, a maioria deles inclusive acumulando o cargo de reis ou faraós. Um sacerdote é citado no Antigo Testamento, cujo nome era Putifar, que se transformou em sogro do Patriarca José, filho de Jacó. (Gn 41, 45 e 50). No entanto, a Bíblia não diz que tipo de sacerdócio exercia, poderia ser pagão ou até mesmo hebreu não se sabe. Antes dos egípcios, a História fala dos caldeus e dos sumérios, donos das primeiras civilizações terrenas, sempre revelando que seus sacerdotes eram homens. Que tipo de "sacerdócio" exerciam? Tudo indica que não só havia entre aqueles pagãos os que preparavam e presidiam as cerimônias de adoração de seus deuses, que eram os próprios demônios: "Omnes dii gentium daemonia; Dominus autem coelos fecit" - Todos os deuses pagãos são demônios; porém o Senhor é que fez os céus. (Sl 95, 5); mas também outros que eram encarregados de mumificar os reis mortos com o fim de lhes "eternizar" a memória, reis ou faraós, aliás, que também eram tidos como deuses, ou, em alguns casos, sacerdotes inspirados por Deus que ofereciam sacrifícios autênticos, como o caso de Jetro, o sogro de Moisés, ou do famoso Melquisedec. Um "sacerdote" pagão famoso no antigo Egito foi um tal de Mâneto (séc. III a.C.), mas pelo fato de ter escrito um livro por nome "Aigyptiaka" (Egípcias), aliás em língua grega, fonte de estudos históricos de seu povo.

Somente quando o "sacerdócio" pagão tendeu para a feitiçaria ou necromancia é que começaram a surgir nomes de mulheres. É provável que o fato narrado acima de que demônios tomavam mulheres para delas gerar gigantes já tenha sido sob a influência de uma remota bruxaria. Na Bíblia, o caso mais famoso foi o da necromante de Endor, consultada por Samuel (I Sam 28, 5-25). Endor era uma cidade que havia sido dada à tribo de Manasses e que, no tempo do rei Saul, abrigava uma famosa pitonisa. É de se supor que as mulheres estrangeiras citadas na Sagrada Escritura, que amaram o rei Salomão, eram, pelo menos em maioria, pitonisas, feiticeiras ou "sacerdotisas" de deuses pagãos: "Sendo já velho, o seu coração foi pervertido pelas mulheres, para seguir os deuses alheios..." Salomão passou a prestar culto a Astarte, deusa dos sidônios, Moloc, ídolo dos amonitas, Camos, ídolo dos moabitas, e fez tudo isto "para agradar a todas as suas mulheres estrangeiras, que queimavam incenso e sacrificavam aos seus deuses" (I Reis 11, 5-8).

Todavia, em alguns locais da Sagrada Escritura se refere talvez a sacerdotes com os nomes de "profetas". É o que ocorreu no tempo de Santo Elias, quando ele teria liquidado com 450 profetas de Baal, um deus fenício ao qual era oferecido vítimas humanas. Então, não seriam aqueles homens somente "profetas" de Baal, mas espécies de sacerdotes ou bruxos.

Uma das feiticeiras mais terríveis deste tempo era Jezabel. Diz-se que ela foi feiticeira, pois era idólatra e tinha grande poder diabólico, mas não porque o afirma textualmente a Sagrada Escritura, que, aliás, não fala explicitamente de feiticeiros mas de idólatras. Jezabel era filha de Etbaal, rei de Sidon, e esposa de Acab, rei de Israel no tempo de Elias. Era uma mulher ímpia e poderosa (III Reis 16, 31), tendo feito seu marido erigir um altar a Baal e o adorado, além de haver plantado um bosque sagrado.

A partir daquele momento, é comum na Sagrada Escritura a referência aos "adoradores dos bosques". Era um culto idolátrico muito comum, a adoração das árvores, como se fosse a ecologia daqueles tempos. E tais adoradores de bosques tinham grande poder, de tal forma que quando Santo Elias venceu os profetas de Baal e mandou matá-los, nada pôde contra os adoradores dos bosques, que eram em grande quantidade e ficaram vivos. Foram mortos depois por Jeú, discípulo de Santo Eliseu e ungido rei de Israel por aquele Profeta.

Jezabel mantinha 850 "profetas" idólatras (isto é, sacerdotes ou bruxos), 400 de Baal e 450 de Astarot ou Astarte. Perseguiu e matou todos os verdadeiros profetas que seguiam Santo Elias, o qual fugiu dela para não ser também morto. Se o próprio Santo Elias a temia era porque aquela mulher realmente tinha grande poder diabólico. Ao final, porém, terminou sendo assassinada por dois de seus servos e tendo seu corpo devorado pelos cães.

### **O Apóstolo São Paulo fala sobre o verdadeiro sacerdócio**

Na Epístola aos Hebreus, o Apóstolo das Gentes se detém demoradamente sobre qual seria o verdadeiro sacerdócio:

*"Este é Melquisedec, rei de Salém, sacerdote de Deus altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando ele voltava de destruir os reis, e o abençoou; a ele deu Abraão o dízimo de todos os despojos; (o seu nome) primeiramente se interpreta rei de justiça, e depois rei de Salém, que quer dizer rei de paz; (aparecendo) sem pai nem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias, sem fim de vida, tornado assim semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.*

*Ora, considerai quão grande devia ser ele, a quem até o patriarca Abraão deu dízimo das melhores coisas. Certamente os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio, tem ordem segundo a lei de receber os dízimos do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que eles tenham saído também do sangue de Abraão. Mas este (Melquisedec), cuja linhagem não é contada entre eles, recebeu os dízimos de Abraão e abençoou-o a ele, que tinha as promessas. Ora, sem dúvida alguma, o inferior é que recebe a bênção do superior. E aqui evidentemente são os homens mortais que recebem os dízimos; mas ali recebe-os um homem de quem outra coisa não se afirma senão que vive. E Levi, que recebeu dízimos, (por assim dizer) ele mesmo os pagou (a Melquisedec) na pessoa de Abraão; porque, ainda ele estava em gérmen, no seu antepassado, quando Melquisedec saiu ao encontro dele.*

*"Portanto, se a perfeição tivesse podido ser realizada pelo sacerdócio levítico (porque sob este é que o povo recebeu a lei), que necessidade havia de que surgisse depois outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec, e não segundo a ordem de Aarão? Pois, mudado que seja o sacerdócio, é necessário que mude também a lei. Ora (Cristo), aquele de quem isto se diz, pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar, porque é notório que Nosso Senhor nasceu da tribo de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu o sacerdócio. E isto ainda é mais manifesto, se se levanta outro sacerdote à semelhança de Melquisedec, o qual não foi feito (sacerdote) segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude de uma vida indissolúvel. Com efeito, (Deus) declara: 'Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec'".*

*"Assim é abolido o mandamento precedente por causa da sua fraqueza e inutilidade: de fato, a lei nenhuma coisa levou à perfeição, mas foi introdutora da melhor esperança, pela qual nos aproximamos de Deus.*

*"Como isto não foi feito sem juramento (porque, enquanto os outros foram feitos sacerdotes sem juramento, este o foi com juramento (feito) por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote eternamente"). Jesus tornou-se por isso mesmo o fiador de uma aliança melhor.*

*"Demais, entre aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque a morte não lhes permitir durar sempre, mas este, porque permanece para sempre, tem um sacerdócio que não passa. Por isso pode salvar perpetuamente os que por ele mesmo se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por nós.*

*"Porque continha que tivéssemos tal pontífice santo, inocente, imaculado, segregado dos pecadores e elevado acima dos céus, que não tem necessidade como os (outros) sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiramente pelos seus pecados, depois pelos do povo; fez isto uma só vez, oferecendo-se a si mesmo. Porquanto a lei constitui sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que é posterior à lei, (constitui pontífice) o Filho (de Deus, que é) perfeito eternamente.*

*"Chegamos ao ponto capital de tudo o que vimos dizendo. Temos um pontífice tal, que está sentado nos céus à direita do trono da grandeza (divina), ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo erigido pelo Senhor, e não pelo homem. Sendo todo o pontífice constituído para oferecer dons e vítimas, é necessário que também este tenha alguma coisa que oferecer. Porque, se ele estivesse sobre a terra, nem sacerdote seria, visto que os há aí que oferecem dons, segundo a lei, que celebram um culto (que é) imagem e sombra das coisas celestiais, como foi dito a Moisés, quando estava para acabar o tabernáculo: "Olha, faze todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado sobre o monte".*

*"Mas (Cristo) recebeu um ministério tanto mais elevado quanto melhor a aliança de que é mediador, a qual foi estabelecida sobre melhores promessas. Porque, se aquela primeira (aliança) tivesse sido sem defeito, não se buscaria lugar para uma segunda. Pois que (Deus), repreendendo-os, diz: "Eis virão dias em que eu contrairei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança, diferente da aliança que fiz com os seus pais no dia em que lhes peguei pela mão para os tirar da terra do Egito; porém, visto que eles não perseveraram na minha aliança, também eu me desinteressei deles, diz o*

Senhor. Mas esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: porei as minhas leis no seu espírito e as escreverei sobre o seu coração, e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo; cada um não ensinará mais a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: conhece o Senhor, porque todos eles me conhecerão, desde o mais pequeno até ao maior, pois perdoarei as suas iniquidades e não me lembrarei mais dos seus pecados". Chamando-a (uma aliança) nova, (Deus) deu por antiquada a primeira. Ora o que envelhece e se torna antiquado, está prestes a perecer.

"A primeira (aliança) teve também regulamentos relativos ao culto e um santuário terrestre. Foi construído um primeiro tabernáculo em que estava o candelabro, a mesa e os pães da proposição, e esta parte chama-se o Santo. Por detrás do segundo véu, o tabernáculo, que se chama o Santo dos Santos, contendo o turíbulo de ouro e a arca do testamento, coberta de ouro por todas as partes, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná e a vara de Aarão, que tinha florescido, e as tábuas do testamento; sobre ela estavam os querubins da glória, que cobriam com sua sombra o propiciatório. Todavia não é aqui o lugar para falarmos destas coisas uma por uma.

"Ora, estando assim dispostas estas coisas, os sacerdotes entravam sempre no primeiro tabernáculo quando exerciam as funções sacerdotais; no segundo só (entrava) o pontífice uma vez nos ano, não sem sangue que oferecesse pelos seus erros e pelos do povo, significando com isto ao Espírito Santo que o caminho do Santo dos Santos não estava ainda aberto, enquanto subsistia o primeiro tabernáculo, que é uma figura do tempo presente, no qual se ofereciam dons e sacrifícios, que não podiam tornar perfeito segundo a consciência o sacrificante, constituído somente por comidas e bebidas e diversas abluções e determinações carnis, impostas apenas até ao tempo da reforma.

"Mas Cristo, vindo como pontífice dos bens futuros, (passando) pelo meio de um tabernáculo mais excelente e perfeito, não feito por mão de homem, isto é, não desta criação, e não com o sangue dos bodes ou dos bezeros, mas com o seu próprio sangue, entrou uma só vez no Santo dos Santos, depois de ter adquirido uma redenção eterna. Com efeito, se o sangue dos bodes e dos touros, e a cinza de uma novilha aspergindo os impuros, os santifica quanto à pureza da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência das obras da morte para servir ao Deus vivo?

"Por isso ele é mediador do novo testamento, a fim de que, intervindo a (sua) morte para o perdão daquelas prevaricações, que havia sob o primeiro testamento, os chamados recebam a herança eterna a que lhes foi prometida. De fato, onde há um testamento, é necessário que intervenha a morte do testador, porque o testamento só produz seu efeito em caso de morte, não tendo força enquanto vive o testador. Por isso nem mesmo o primeiro (testamento) foi inaugurado sem sangue. Efetivamente, Moisés tendo lido a todo o povo todos os preceitos da lei, tomou o sangue dos bezeros e dos bodes, com água e com lã tinta de escarlate, e com hissopo aspergiu o mesmo livro assim como todo o povo, dizendo: Este é o sangue da aliança que Deus contraiu convosco. Aspergiu igualmente com sangue o tabernáculo e todos os vasos do ministério. Quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue: sem efusão de sangue não há remissão.



*"Era, pois, necessário que as figuras das coisas celestiais fossem assim purificadas, mas (que) as mesmas coisas celestiais (o fossem) por meio de vítimas melhores. Jesus não entrou num santuário feito por mão do homem, figura do verdadeiro, mas no mesmo céu, para se apresentar agora diante de Deus por nós, e não entrou para se oferecer muitas vezes a si mesmo, como o pontífice entra todos os anos no Santo dos Santos com sangue alheio; doutra maneira ser-lhe-ia necessário padecer muitas vezes desde o princípio do mundo; apareceu, porém, uma só vez no fim dos séculos, para destruir o pecado com o sacrifício de si mesmo. E, assim como está decretado que os homens morram uma só vez, e (que) depois disso (se siga) o juízo, assim também Cristo se ofereceu uma só vez para apagar os pecados de muitos; a segunda vez aparecerá, não por causa do pecado, (mas) para salvação daqueles que o esperam". (Heb 7- 9).*

### **... e condena o falso**

Em outra oportunidade, São Paulo aproveita para exprobrar o sacerdócio idolátrico:

*"Considerai Israel, segundo a carne; os que comem das vítimas, porventura não têm parte no altar? Mas que digo? Digo que o que foi sacrificado aos ídolos é alguma coisa? Ou que o ídolo é alguma coisa? Não; antes, digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios e não a Deus. E não quero que vós tenhais sociedade com os demônios; não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. Queremos porventura provocar o Senhor à emulação? Acaso, somos nós mais fortes do que ele?" (I Cor 10, 18-22).*

### **Cristo, o verdadeiro Sacerdote eterno**

O padre João Scognamiglio Clá Dias, Presidente Geral dos "Arautos do Evangelho", assim disserta sobre o verdadeiro sacerdócio:

*"Duas são as origens etimológicas da palavra "sacerdote" (sacerdos, do latim): "sacra dos", ou seja, quem "dá o sagrado"; ou "sacra dans", aquele que é ungido com "um dote sagrado". As duas etimologias são válidas, pois o sacerdote é um embaixador de Deus ante os homens e a estes confere as coisas sagradas, como são a verdadeira doutrina e a caridade; muito mais ainda, diviniza a natureza, comunicando-lhe a graça através dos sacramentos. Ademais, pertence também a ele a função de representar a sociedade em suas relações com Deus. Neste caso, ele oferece a Deus dons (orações, oblações, etc.) e sacrifícios pelos pecados.*

*"Neste ofício de "dar as coisas sagradas", evidentemente se exige de quem o exerce a posse de um poder especial ("sacra dos"). Se esse poder não é comunicado por Deus, não há sacerdócio.*

*"Por outro lado, na obra redentora, Deus quis servir-Se especialmente da via do sacrifício e, e por este motivo, a graça de Cristo é sacerdotal. Jesus é Sacerdote enquanto homem, e não enquanto Deus. Esta afirmação é feita por São Paulo, na segunda Leitura de hoje: "Porque todo Sumo Sacerdote escolhido de entre os homens é constituído a favor dos homens, nas coisas concernentes a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados" (Hb 5, 1).*

*São inseparáveis as figuras do sacerdócio e do sacrifício. Essa realidade transparece tanto no Novo Testamento quanto no Antigo. Se Deus escolheu a via do sacrifício para operar a Redenção, quis que o Redentor fosse Sacerdote”.*

*É ainda São Paulo quem nos ensina: “Tendo, pois, um Sumo Sacerdote que penetrou nos Céus, Jesus, o Filho de Deus, conservemos firmes a fé que professamos. Porque não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas. Pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, exceto no pecado” (Hb 4, 14-15).*

*“Além do oferecimento do sacrifício, é também ofício do sacerdote interceder pelo povo, impetrando junto a Deus o auxílio, proteção e perdão necessários. E Jesus, ao ter-Se sentado à direita do Pai, continuamente está intercedendo por nós em sua oração sacerdotal. Manifesta ao Pai seu desejo de nos salvar a todos, apresentando-Lhe, ademais, sua humanidade assumida, a qual por si só constitui já uma oração sacerdotal”. Cristo quis assumir a humanidade com vistas ao sacrifício da Cruz e, estando ressurrecto no Céu, perpetua o oferecimento de seu holocausto. Essa é uma das diferenças entre o sacerdócio de Cristo e o dos sacerdotes da Antiga Lei, conforme afirma São Paulo: “E isso não foi feito sem juramento. Os outros foram instituídos sacerdotes sem juramento, mas Este o foi com o juramento d’Aquele que disse: “O Senhor jurou e não se arrepende : Tu és sacerdote eternamente”. Por isso mesmo, Jesus tornou-Se o fiador de uma aliança superior. Além disso, existiram numerosos sacerdotes, porque a morte não permitia que permanecessem. Mas Este, porque permanece eternamente, possui um sacerdócio eterno. Por isso, pode salvar perpetuamente os que por Ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder em seu favor” (Hb 7, 20-25).*

*“São Tomás de Aquino levanta outros argumentos de peso para provar a grandeza divina do sacerdócio de Jesus Cristo, demonstrando como nEle estão preenchidas todas as condições requeridas para a plenitude do sacerdócio.*

*“Ele sabe ter compaixão dos que estão na ignorância e no erro”, nos diz ainda São Paulo na segunda Leitura de hoje (Hb 5,2). E qual seriam nosso destino e sorte se, nascendo no pecado e a ele inclinados, não tivéssemos um Sacerdote que, sendo homem, é inteiramente Deus, para oferecer por nós um sacrifício salvífico que nos resgatasse?”<sup>4</sup>*

### **O verdadeiro sacerdócio ainda hoje é exercido pelos homens**

A “questão” do sacerdócio feminino é resumida, mais ou menos, por esta declaração do cardeal progressista E. Schillebeeckx, O. P.: “A exclusão das mulheres do ministério [sacerdotal] é uma questão puramente cultural que hoje não tem sentido. Por que as mulheres não podem presidir a eucaristia? Por que não podem ser ordenadas? Não há argumentos para se opor ao sacerdócio das mulheres... Neste sentido, estou contente com a decisão [da igreja anglicana] de conferir o sacerdócio também às mulheres, e, em minha opinião, trata-se de uma grande abertura para o ecumenismo, mais que um obstáculo, porque muitos católicos caminham na mesma direção”<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Revista “Arautos do Evangelho”, n. 58, outubro de 2006, págs. 12-14.

<sup>5</sup> “Soy un teólogo feliz”: Entrevista c/ F. Strazzati, Sociedad de Educación Atenas, Madrid 1994, pp. 117-118

O tema foi estudado e esclarecido formalmente pela Igreja, que publicou os seguintes documentos: “Instrução da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, “Inter Insigniores”, “A questão da admissão de mulheres ao sacerdote ministerial” (15 de outubro de 1976) e a “Carta Apostólica de João Paulo II”, de 22 de maio de 1994, à qual acrescentou o Cardeal Ratzinger: “Resposta à dúvida sobre a doutrina da Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*”, de 28 de outubro de 1995.

Qual a principal razão da Igreja não admitir a mulher no sacerdócio? Existem duas fortes razões: a da Tradição e a da Teologia. De conformidade com a Tradição, tanto Nosso Senhor Jesus Cristo quanto os Apóstolos quiseram preservar o antigo costume de escolher somente homens para o sacerdócio. Neste sentido, verifica-se que houve uma explícita vontade divina, tornada evidente pelos fatos narrados nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. Objeta-se costumeiramente que Nosso Senhor não escolheu mulher entre os doze Apóstolos para conformar-se com os costumes judaicos de seu tempo. No entanto, os fatos demonstram claramente que Ele rompia ordinariamente com os costumes judaicos quando se tratava de temas candentes, como, por exemplo o da mulher: conversa publicamente com a samaritana (Jo 4, 7-26), não leva em conta a impureza da hemorroíssa (Mt 9, 20-22), permite que uma pecadora pública (Santa Madalena) aproxime-se dEle, beije seus pés e derrama nele perfumes (Lc 7, 36-49), perdoa a adúltera que iria ser apedrejada (Jo 8, 11), não temendo, sequer, ser tido como desrespeitador da lei de Moisés.

Perante tão grande liberdade que manifestava com relação aos costumes de seu povo, muitos deles censurados publicamente por Jesus, que dificuldade teria Ele em chamar algumas mulheres para juntar-se ao grupo dos doze Apóstolos? Pior do que isto foi perdoar a adúltera, receber Madalena, conversar com a samaritana, expulsar os vendilhões do Templo com um chicote. Se Ele tivesse a mesma opinião dos progressistas, isto é, que isto é uma “questão cultural”, como Deus que era, além de homem, seria fácil superar esta “questão”.

Vê-se o mesmo com relação aos Apóstolos no início da Igreja: embora tendo entre eles a própria Mãe de Jesus Cristo, que como tal poderia ocupar lugar de destaque na Hierarquia da Igreja, quem sabe até o cargo de São Pedro, no entanto nunca foi chamada, ou sequer lembrada, para as funções sacerdotais. Quando foram preencher o lugar deixado por Judas, aí tinha surgido a oportunidade de introduzir a primeira mulher entre eles; no entanto, o que fizeram? Submeteram à votação os nomes de dois homens para que um deles fosse o escolhido. Questão cultural também? Mas, como, se eles encontravam-se escondidos no Cenáculo, com medo dos judeus, numa reunião íntima e sem que o povo soubesse de nada?

Se os Apóstolos tivessem permanecido sempre entre os judeus, poderia se colocar a questão cultural. Mas não foi assim, pois logo tiveram que emigrar para o meio de diversos povos, dentre os quais o paganismo permitia “culturalmente” que mulheres fossem sacerdotisas em seus templos religiosos. Oportunidades não faltaram para as mulheres serem ordenadas. São Paulo narra os casos de diversas mulheres que foram suas excelentes colaboradoras. Cita-as nominalmente, como Prisca, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Perside, Hermas, Patrobas e Olímpia, todas elas chamadas de cooperadoras (Rom 16, 3-15). Lídia foi também uma grande amiga e

colaboradora do Apóstolo. No Atos dos Apóstolos, São Lucas também fala delas, como Priscila (At 18, 26) ou as “santas mulheres” (At 1, 14).

No início da Igreja, algumas seitas gnósticas e heréticas quiseram que a Igreja admitisse mulheres no sacerdócio, mas a idéia foi prontamente recusada pelos Padres daqueles tempos, dando prosseguimento não só à Tradição como também a um princípio teológico baseado na vontade de Cristo.

O outro argumento que se soma ao da Tradição é o da fundamentação teológica, baseada na expressa vontade divina. O ministério sacerdotal é sinal sacramental de Cristo Sacerdote e Vítima. Os sinais sacramentais não são meramente convencionais, são símbolos naturais que representam ou significam por uma natureza semelhante. Desta forma, o pão e o vinho para a Eucaristia são sinais adequados por representar o alimento fundamental dos homens, a água para o Batismo por ser o meio natural de se limpar, lavar, etc. Isto vale não só para as coisas mas também para as pessoas. Portanto, se nos sacramentos é necessário que se expresse um sinal de Cristo, o mesmo pode-se dizer do sacerdócio, por ser Ele o supremo Sacerdote; o ministério afim somente pode ser exercido com uma pessoa da mesma natureza. A Encarnação do Verbo fez-se numa pessoa do sexo masculino, e isto é uma questão de fato que tem relação com toda a Teologia.

Os progressistas também refutam que, ao encarnar-se, Cristo não representa com sua masculinidade o varão mas sim a humanidade. Desta forma, não é o varão que representa adequadamente Cristo no sacerdócio, mas toda a humanidade, incluindo as mulheres. Ora, os sinais sacramentais têm que guardar os sinais adequados, isto é, devem ser o mais específico possível. Se a Eucaristia só é válida sob a forma do pão e do vinho, como então colocar-se outros alimentos em seu lugar sob o pretexto de que o trigo e a uva os compõem? Com relação ao sacerdócio, somente o homem possui em sua essência e natureza um sinal adequado ao de Cristo Sacerdote.

### **A palavra final da Igreja**

A fim de dar uma palavra final sobre o assunto, também tratado por Paulo VI através da Declaração “*Inter Insigniores*”, em 15.10.1976, o Papa João Paulo II publicou uma Carta Apostólica, sob o título de “*Ordinatio Sacerdotalis*”, cujo teor reproduzimos abaixo:

*“1. A ordenação sacerdotal, pela qual se transmite a missão, que Cristo confiou aos seus Apóstolos, de ensinar, santificar e governar os fiéis, foi na Igreja Católica, desde o início e sempre, exclusivamente reservada aos homens. Esta tradição foi fielmente mantida também pelas Igrejas Orientais.*

*Quando surgiu a questão da ordenação das mulheres na Comunhão Anglicana, o Sumo Pontífice Paulo VI, em nome da sua fidelidade ao encargo de salvaguardar a Tradição apostólica, e também com o objetivo de remover um novo obstáculo criado no caminho para a unidade dos cristãos, teve o cuidado de recordar aos irmãos anglicanos qual era a posição da Igreja Católica: “Ela defende que não é admissível ordenar mulheres para o sacerdócio, por razões verdadeiramente fundamentais. Estas razões compreendem: o exemplo – registrado na Sagrada Escritura – de Cristo, que escolheu os seus Apóstolos só de entre os homens; a prática constante da Igreja, que imitou Cristo ao escolher só homens; e o seu magistério vivo, o qual*

coerentemente estabeleceu que a exclusão das mulheres do sacerdócio está em harmonia com o plano de Deus para a sua Igreja”<sup>6</sup>

Mas, dado que também entre teólogos e em certos ambientes católicos o problema fora posto em discussão, Paulo VI deu à Congregação para a Doutrina da Fé mandato de expor e ilustrar a este propósito a doutrina da Igreja. Isso mesmo foi realizado pela Declaração “Inter Insigniores”, que o mesmo Sumo Pontífice aprovou e ordenou publicar.

2. A Declaração retoma e explica as razões fundamentais de tal doutrina, expostas por Paulo VI, concluindo que a Igreja “não se considera autorizada a admitir as mulheres à ordenação sacerdotal”. A tais razões fundamentais, o mesmo Documento junta outras razões teológicas que ilustram a conveniência daquela disposição divina, e mostra claramente como o modo de agir de Cristo não fora ditado por motivos sociológicos ou culturais próprios do seu tempo. Como sucessivamente precisou o Papa Paulo VI, “a verdadeira razão é que Cristo, ao dar à Igreja a Sua fundamental constituição, a sua antropologia teológica, depois sempre seguida pela Tradição da mesma Igreja, assim o estabeleceu”

Na Carta Apostólica “Mulieris dignitatem”, eu mesmo escrevi a este respeito: “Chamando só os homens como seus apóstolos, Cristo agiu de maneira totalmente livre e soberana. Fez isto com a mesma liberdade com que, em todo o seu comportamento, pôs em destaque a dignidade e a vocação da mulher, sem se conformar ao costume dominante e à tradição sancionada também pela legislação do tempo”.

De fato, os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos atestam que este chamamento foi feito segundo o eterno designio de Deus: Cristo escolheu os que Ele quis (cfrs. Mc 3,13-14; Jo 15, 16; ) e fê-lo em união com o Pai, “pelo Espírito Santo” (At 1,2), depois de passar a noite em oração (Lc 6, 12). Portanto, na admissão ao sacerdócio ministerial, a Igreja sempre reconheceu como norma perene o modo de agir do seu Senhor na escolha dos doze homens que Ele colocou como fundamento da sua Igreja (Ap 21, 14). O mesmo fizeram os Apóstolos, quando escolheram os seus colaboradores que lhes sucederiam no ministério. Nessa escolha, estavam incluídos também aqueles que, ao longo da história da Igreja, haveriam de prosseguir a missão dos Apóstolos de representar Cristo Senhor e Redentor.

3. De resto, o fato de Maria Santíssima, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, não ter recebido a missão própria dos Apóstolos nem o sacerdócio ministerial, mostra claramente que a não admissão de mulheres à ordenação sacerdotal não pode significar uma sua menor dignidade nem uma discriminação a seu respeito, mas a observância fiel de uma disposição que se deve atribuir à sabedoria do Senhor do universo.

A presença e o papel da mulher na vida e na missão da Igreja, mesmo não estando ligados ao sacerdócio ministerial, permanecem, no entanto, absolutamente necessários e insubstituíveis. Como foi sublinhado pela mesma Declaração “Inter Insigniores”, “a Santa Madre Igreja auspicia que as mulheres cristãs tomem plena consciência da grandeza de sua missão: o seu papel será de capital importância nos dias de hoje, tanto para o renovamento e humanização da sociedade, quanto para a redescoberta, entre os fiéis, da verdadeira face da Igreja”. Os Livros do Novo Testamento e toda a história da Igreja mostram amplamente a presença na Igreja de mulheres, verdadeiras

<sup>6</sup> Carta ao Arcebispo de Cantuária, datada de 30.11.75.

*discípulas e testemunhas de Cristo na família e na profissão civil, para além da total consagração ao serviço de Deus e do Evangelho. “A Igreja defendendo a dignidade da mulher e a sua vocação, expressou honra e gratidão por aquelas que – fiéis ao Evangelho – em todo o tempo participaram na missão apostólica de todo o Povo de Deus. Trata-se de santas mártires, de virgens, de mães de família, que corajosamente deram testemunho da sua fé e, educando os próprios filhos no espírito do Evangelho, transmitiram a mesma fé e a tradição da Igreja”.*

*Por outro lado, é à santidade dos fiéis que está totalmente ordenada a estrutura hierárquica da Igreja. Por isso, lembra a Declaração “Inter Insigniores”, ‘o único carisma superior, a que se pode e deve aspirar, é a caridade (I Cor 12-13). Os maiores no Reino dos céus não são os ministros, mas os santos”.*

*4. Embora a doutrina sobre a ordenação sacerdotal que deve reservar-se somente aos homens, se mantenha na Tradição constante e universal da Igreja e seja firmemente ensinada pelo Magistério nos documentos mais recentes, todavia atualmente em diversos lugares continua-se a retê-la como discutível, ou atribuindo-se um valor meramente disciplinar à decisão da Igreja de não admitir as mulheres à ordenação sacerdotal.*

*Portanto, para que seja excluída qualquer dúvida em assunto da máxima importância, que pertence à própria constituição divina da Igreja, em virtude do meu ministério de confirmar os irmãos (Lc 22, 32), declaro que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja.*

*Invocando sobre vós, veneráveis irmãos, e sobre todo o povo cristão, a constante Judá divina, concedo a todos a Bênção Apostólica.*

*Vaticano, 22 de maio, Solenidade de Pentecostes, do ano de 1994, décimo sexto de Pontificado”.*

## **E) Deus escolheu algumas mulheres para serem profetisas**

No Antigo Testamento, o Profetismo começou oficialmente com Moisés, mas já desde aquele tempo Deus queria que este dom fosse compartilhado com outras pessoas: *“Foi, pois, Moisés e referiu as palavras do Senhor, e, juntando setenta homens dos anciãos de Israel, fê-los estar de pé, junto do tabernáculo. O Senhor desceu na nuvem, e falou-lhe, e, tirando do espírito que havia em Moisés, deu dele aos setenta homens. E, tendo repousado neles o Espírito, profetizaram, e não cessaram mais de o fazer” (Num, 11, 24-25).* Dois homens haviam ficado no campo, mas mesmo assim receberam também o dom da profecia: *“Ora, tinham ficado no campo dois homens, um dos quais se chamava Eldad, e o outro Medad, e o Espírito pousou (também) sobre eles, porque também eles tinham sido alistados, mas não tinham saído para ir ao tabernáculo” (Num 11, 26).*

Posteriormente, o dom do profetismo foi concedido também a algumas mulheres, porém nenhuma fazia parte dos setenta acima citados. No entanto, todas as profetisas tiveram papel secundário. Os principais profetas, os chamados canônicos, como os Profetas Maiores ou Profetas Menores, anunciadores e prenunciadores da vinda do Messias e das coisas futuras da igreja, foram todos homens.

Destacamos abaixo as principais profetisas e seu papel na História Bíblica:

**Miriam ou Maria** - Irmã de Aarão e de Moisés. Foi ela que ficou observando de longe o cestinho onde estava o menino Moisés, que finalmente o levou até à princesa egípcia. É a primeira profetisa de que se tem notícia no Antigo Testamento (Ex 15,20). No entanto o seu dom profético a fez ficar orgulhosa e dizer: "Porventura o Senhor falou só por Moisés? Não nos falou ele igualmente a nós?". Esta murmuração foi motivo para que Deus a castigasse com a lepra e lhe recriminasse desta forma: "Se entre vós algum é profeta do Senhor, eu lhe aparecerei em visão, ou lhe falarei em sonhos. Mas não é assim a respeito do meu servo Moisés, o qual é fidelíssimo em toda a minha casa; porque a ele eu falo face a face". Por causa da desobediência a Moisés ficou leprosa, mas pelas preces do próprio Moisés e após cumprir a penitência dada por Deus, ficou curada (Num 12; Deut 24, 9). Depois de vagar pelo deserto 40 anos, morreu em Cades, com 135 anos, sem também ver a Terra Prometida.

Ela foi inspirada para ser a primeira a cantar louvores a Deus pela derrota do faraó na passagem do Mar Vermelho. "Tomou na mão um adufe, e saíram todas as mulheres após ela com adufes e em coros". Adufes eram espécies de pandeiros com guizos para acompanhar os cânticos. Não se sabe porém que tipo de profetismo Maria praticou, pois a Sagrada Escritura não o diz, tudo fazendo crer que era muito secundário, sem importância.

**Holda** - Já a profetisa Holda teve papel mais importante, principalmente perante o rei Josias, de Judá, conforme está relatado no II livro dos Reis: "Portanto, o pontífice Helcias, Alcão, Acobor, Safan e Asaías, foram ter com a profetisa Holda, mulher de Selum, filho de Técula, filho de Aras, guarda-roupa, a qual habitava em Jerusalém no (bairro chamado) Segunda, e falaram com ela. "Ela respondeu-lhes: Eis o que diz o Senhor Deus de Israel: Dizei ao homem que vos mandou ter comigo: Estas coisas diz o Senhor: Eis que eu farei vir males sobre este lugar e sobre os seus habitantes, conforme todas as palavras da lei que o rei de Judá leu, porque eles abandonaram-me e ofereceram sacrifícios a deus estrangeiros, irritando-me em todas as obras das suas mãos; a minha indignação se acenderá contra este lugar e não se extinguirá". (II Reis 22, 14-17).

O rei Josias procedeu, a partir deste dia, uma completa reforma em seu reino: lançou fora todos os vasos que serviam para os deuses pagãos, exterminou os agoureiros, queimou os bosques dedicados aos ídolos, destruiu os aposentos dos efeminados, destruiu os altares pagãos, etc. (II Reis 23).

**Ana** - Profetisa do tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo, era filha de Famael, da tribo de Aser. Tendo vivido com seu marido por 7 anos, perseverou na viuvez até a idade de 84 anos, honrando a Deus no Templo com mortificações, orações e jejuns. Quando a Santíssima Virgem Maria apresentou o Menino Jesus no Templo, em sua Purificação, ela, como Simeão, louvou a Deus e falou do Salvador a todos os que esperavam pela Redenção, conforme relata São Lucas (2, 36-37).

**Débora** - Quando o povo hebreu finalmente acabou sua peregrinação pelo deserto, durante 40 anos, e se estabeleceu na Terra Prometida, era governado inicialmente pelos juizes. O segundo juiz Aod faleceu, ficando o povo na prevaricação, e Deus, por castigo, entregou o povo às mãos de Jabin, rei de Canaã. Através de seu general chamado Sisara, Jabin oprimiu o povo de Israel por vinte anos. Foi aí que Deus suscitou Débora, profetisa, tornada

depois Juíza de Israel. O episódio mostra uma das raras vezes em que Deus se utiliza de mulheres, em guerras, para humilhar e castigar os homens, como ocorreu também com Judite e Santa Joana D'arc.

Eis o relato da Sagrada Escritura:

*"Ora, naquele tempo vivia Débora profetisa, mulher de Lapidot, a qual julgava o povo. Sentava-se debaixo duma palmeira, que se chamava do seu nome, entre Rama e Betel, sobre o monte de Efraim. Os filhos de Israel iam ter com ela em todos os seus litígios. Ela mandou chamar Barac, filho de Abinoem, de Cedes de Neftali, e disse-lhe: O Senhor Deus de Israel ordena-te: vai, e conduze o exército ao monte Tabor; tomarás contigo dez mil combatentes dos filhos de Neftali e dos filhos de Zabulão. Estando tu no lugar da torrente de Cison, eu farei que venham à tua presença Sísara, general do exército de Jabin, as suas carroças, e toda a sua gente, e tos entregarei nas mãos. Barac disse-lhe: Se vieres comigo, irei; se não quiseres vir comigo, não irei. Ela respondeu-lhe: Está bem, eu irei contigo, mas desta vez não te será atribuída a vitória, porque Sísara será entregue nas mãos duma mulher. Levantou-se pois Débora, e partiu com Barac para Cedes.*

*"Ele, chamando os de Zabulão e Neftali, marchou com dez mil combatentes, tendo Débora em sua companhia. Ora, Heber, cineu, havia muito tempo que se tinha separado dos outros cineus seus irmãos, filhos de Hobab, parente de Moisés. Tinha estendido suas tendas até ao vale chamado Senin, e estava junto de Cedes.*

*"Foi anunciado a Sísara que Barac, filho de Abinoem, tinha avançado até ao monte Tabor; juntou novecentas carroças falcadas e fez marchar todo o exército desde Haroset das gentes até à torrente de Cison. Débora disse a Barac: Levanta-te, porque este é o dia, em que o Senhor entregou Sísara nas tuas mãos; eis que ele mesmo é o teu guia. Desceu pois Barac do monte Tabor e os dez mil combatentes com ele. O Senhor aterrou Sísara, todas as suas carroças e toda a sua gente, que caíram ao fio da espada, logo que Barac se deixou ver; de tal sorte que Sísara, saltando da sua carroça, fugiu a pé. Barac foi seguindo as carroças fugitivas e o exército até Haroset das gentes, e toda a multidão dos inimigos foi morta até ao extermínio.*

*"Entretanto, Sísara fugindo chegou á tenda de Jael, mulher de Heber, cineu, porque havia paz entre Jabin, rei de Asor, e a casa de Heber, cineu. Jael, pois, saindo ao encontro de Sísara, disse-lhe: Entra, meu senhor; entra, não temas. Ele entrou na tenda, e coberto por ela com um manto, disse-lhe: Peço-te que me dês um pouco de água, porque tenho muita sede. Ela abriu um odre de leite, deu-lhe de beber e cobriu-o. Sísara disse-lhe: Põe-te à porta da tenda, e se alguém vier interrogar-te, e disser: Está aqui alguém? Responder-lhe-ás: Não está ninguém.*

*"Jael, pois, mulher de Heber, tomou um prego da tenda, tomando também um martelo; e, entrando sem ser vista nem ouvida, aplicou o prego à fonte da cabeça de Sísara, e, dando com o martelo, cravou-o no cérebro até entrar pela terra; e ele, juntando o sono com a morte, desfaleceu, e morreu. Eis que chegou Barac em seguimento de Sísara, e Jael, saindo-lhe ao encontro, disse-lhe: Vem, e eu te mostrarei o homem que procuras. E ele, entrando em casa dela, viu Sísara que jazia morto, e o prego encravado na sua fonte".*

Após aquela retumbante vitória, Débora entoou um cântico de glória:



*"Ó vós (filhos) de Israel, que expusestes voluntariamente as vossas vidas ao perigo, bendizei ao Senhor.*

*"Ouvi, ó reis, escutai atentos, ó príncipes: Sou eu, eu sou a que cantarei ao Senhor, a que entoarei hinos ao Senhor, Deus de Israel.*

*"Senhor, quando tu saíste de Seir e passaste pelas regiões de Edom, a terra estremeceu, os céus e as nuvens destilaram água.*

*"Os montes abalaram-se à vista do Senhor, e o Sinai diante da face do Senhor, Deus de Israel.*

*"Nos dias de Samgar, filho de Anat, nos dias de Jael, estavam desertos os caminhos, e aqueles que os percorriam, caminhavam por atalhos tortuosos. Cessaram os valentes em Israel, e desapareceram até que se levantou Débora, até que ela se levantou mãe em Israel. O Senhor escolheu novas guerras, e ele mesmo derribou as portas dos inimigos; não apareceu nem escudo nem lança, entre os quarenta mil de Israel.*

*"O meu coração ama os príncipes de Israel; vós os que voluntariamente vos expusestes ao perigo, bendizei o Senhor. Vós os que montais jumentos luzidios, os que vos sentais no tribunal e os que andais pelo caminho, falai.*

*"Aí onde foram quebradas as carroças, e se afogou o exército dos inimigos, sejam contadas as justiças do Senhor, e a sua clemência para com os valentes de Israel; então o povo do Senhor desceu às portas, e alcançou o principado.*

*"Levanta-te, levanta-te, ó Débora, levanta-te, levanta-te e entoa um cântico; levanta-te, Barac, e toma os teus prisioneiros, ó filho de Abinoem. Salvaram-se as relíquias do povo, o Senhor combateu entre os valentes.*

*"Um de Efraim os derrotou em Amalec, e depois dele, (um) de Benjamin (saiu) contra os teus povos, ó Amalec; de Maquir desceram os príncipes, e de Zabulão os que comandaram o exército para combater. Os capitães de Issacar foram com Débora e seguiram as pisadas de Barac, o qual se lançou no perigo, como num precipício e num abismo. Dividido Rúben contra si mesmo, levantou-se discórdia entre os seus homens de valor. Por que habitas tu entre os dois termos (de Israel e dos seus inimigos), a ouvir os balidos dos rebanhos (em vez de ajudar os teus irmãos)? Dividido Rúben contra si mesmo, levantou-se discórdia entre os seus homens de valor. Galaad repousava no lado de além do Jordão, e Dan atendia às suas naus. Aser habitava na costa do mar e deixava-se estar nos seus portos. Mas Zabulão e Neftali expuseram-se à morte no país de Merome. Vieram os reis (inimigos) e combateram; os reis de Canaã combateram (contra Israel), em Tenac junto às águas de Magedo, mas não levaram presa alguma. Combateu-se do céu contra eles; as estrelas, permanecendo na sua ordem e no seu curso, combateram contra Sísara. A torrente de Cison arrastou os seus cadáveres, a torrente de Cadumim, a torrente de Cison; calca, ó minha alma, estes valentes. As unhas do cavalo caíram com o ímpeto da fuga e os mais robustos dos inimigos precipitaram uns sobre os outros. Amaldiçoai a terra de Meroz, disse o anjo do Senhor; amaldiçoai os seus habitantes, porque não acudiram em auxílio (do povo) do Senhor, em auxílio dos valentes guerreiros.*

*"Bendita seja entre as mulheres Jael, esposa de Heber, cineu, e bendita seja na sua tenda. Ela deu leite ao que lhe pedia água, e numa taça de príncipes ofereceu-lhe a nata. Estendeu a mão esquerda a um prego e a direita a um martelo de operário, e, buscando na cabeça lugar para a ferida, deu o golpe em Sísara, trespassando-lhe com força as fontes. Caiu entre os seus*

*pés, desfaleceu e expirou; contorceu-se diante dos seus pés, e ficou estendido por terra exânime e miserável. A mãe de Sísara olhando pela janela, gritava, e do seu quarto dizia: Por que tarda em voltar a sua carroça? Por que são tão pesados os pés dos seus quatro cavalos? Mas uma de suas mulheres mais discreta do que as outras, respondeu à sogra estas palavras: Talvez que a esta hora reparta os despojos, e escolha para si a mais formosa das cativas; vestidos de várias cores são dados dos despojos a Sísara, e várias jóias se lhe destinam para adorno do seu pescoço.*

*"Assim pereçam, Senhor, todos os teus inimigos; os que, porém, te amam, brilhem como o sol quando nasce".* (Juízes 4; 5).

## **F) A preferência masculina entre os apóstolos e discípulos de Jesus**

Não se pode dizer que a Divina Providência reservou para a mulher um papel secundário em Seus planos. Basta verificarmos que, em muitos casos, a mulher sempre foi a preferida. Foi uma Mulher, a Virgem Santíssima, escolhida para ser quem gerasse a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade em sua humanidade. Nosso Senhor Jesus Cristo, em sua vida, sempre concedeu às mulheres uma atenção e um lugar especial em seu Sagrado Coração. Sempre encontrava entre elas um bom exemplo para dar aos homens, como a viúva do gazofilácio (Mc 12, 41-44), curou a sogra de São Pedro (Mt 8, 14-15), consolou a viúva de Naim (Lc 7, 11-16) e as santas mulheres que choravam por Ele (Lc 23, 28-3), acolheu Maria Madalena na frente dos fariseus, perdoou a adúltera que ia ser apedrejada (Jo 8, 3-11) e enfrentou o mau-humor dos judeus conversando amigavelmente com a Samaritana (Jo 4, 7-26), pois além de ser de Samaria (região de povo detestado pelos judeus), tinha vida irregular pois estava já no sexto consórcio marital.

Foram elas que O acompanharam em toda a Sua dolorosa Paixão, enquanto os homens, seus mais fiéis apóstolos, fugiam; foram elas que providenciaram o Seu enterro e a preparação de Seu Sagrado Corpo, levando-O até à sepultura. Todos os doze apóstolos e os 72 discípulos inicialmente escolhidos por Jesus Cristo eram homens. No entanto, onde estava este grupo de 84 homens no momento de Sua Paixão e morte? Fugiram todos. Havia muitas mulheres que os acompanhavam em suas pregações públicas, e a maioria delas foi mais fiel naquele terrível momento do que os próprios homens.

Apesar de ter os homens como seus discípulos e apóstolos, porém foi às mulheres que Nosso Senhor Jesus Cristo primeiro se manifestou após a Ressurreição. Sobre este assunto, vejamos abaixo os comentários do Pe. João Clá, extraídos da revista "Arautos do Evangelho"

*"Por que motivo teria escolhido as mulheres para Se manifestar, antes dos próprios Apóstolos?"*

*Voltemos nossa atenção para uma passagem do Evangelho muito pouco analisada:*

*"Passado o sábado, Maria madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ungir a Jesus. E no primeiro dia da semana, foram muito cedo ao sepulcro, mal o sol havia despontado. E diziam entre si: Quem há de remover a pedra da entrada do sepulcro?"* (Mc 16, 1-3).

*Agiam impensadamente, ou seja, de modo substancialmente imperfeito, por várias razões. Sabiam que o cadáver havia sido ungido dois dias antes. Por que fazê-lo de novo? Ademais, tratava-se do corpo de uma pessoa falecida havia quarenta e oito horas. Por fim, é de bom senso que não se deve violar uma sepultura, qualquer que seja, e as leis romanas não toleravam uma transgressão desse tipo.*

*Havia dificuldades adicionais, como elas mesmas confessam: “Quem nos há de remover a pedra?” Naquela hora era improvável que encontrassem homens aos quais pudessem pedir tal serviço. E na hipótese de lá haver alguns, prestar-se-iam a realizar tarefa tão perigosa?*

*O sepulcro havia sido lacrado com todos os cuidados dos odientos adversários de Jesus, como sabiam os discípulos. Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus “asseguraram o sepulcro, selando a pedra colocando guardas” (Mt 27, 62-66). Como iriam elas convencer a lhes permitirem abrir o túmulo e retirar o cadáver?*

*E nada indica que elas tenham exposto seus planos a São Pedro e aos outros Apóstolos. É mais uma nota de imperfeição. Agiam por conta própria num assunto que poderia comprometer toda a Igreja nascente. Qualquer violação da sepultura deixaria a incipiente comunidade cristã em complicada situação diante das autoridades judaicas e romanas. O simples fato de chegarem a fazer aos vigias alguma proposta quanto ao cadáver daria razão aos príncipes dos sacerdotes e escribas, que haviam solicitado ao governador romano uma guarda diante do túmulo de Jesus, pois “seus discípulos poderiam vir roubar o corpo e dizer ao povo: Ressuscitou dos mortos”... (Mt 27, 64).*

*Outra questão de grande peso para a avaliação dos fatos é esta: por que Nossa Senhora não se juntou a elas? Terão perguntado à Mãe de Jesus se estava correto aquele modo de proceder?*

*Além do mais, elas mesmas não criam na Ressurreição. Do contrário, teriam preferido ficar nas proximidades do Santo Sepulcro, para aguardar os acontecimentos. Iguamente, não lhes teria ocorrido a idéia de embalsamar de novo o corpo, a fim de protegê-lo da agressividade do tempo e da decomposição.*

*Este juízo parece por demais severo, ainda que apoiado em autores de grande importância. E de fato o é. Acrescente-se a isto que os próprios Apóstolos consideravam a situação com a gravidade que estamos descrevendo. As terríveis notícias sobre os acontecimentos da Paixão do Senhor, que se haviam propagado por todos os lados, e o ódio que podiam sentir pairando no ar, haviam lhes incutido terror até o fundo da alma. Por isto estavam trancados no Cenáculo.*

*Ora, é precisamente em meio a esse clima de tragédia e pânico que aquele grupo de piedosas mulheres, sem muito refletir sobre as conseqüências de seus atos, resolve sair antes do raiar da aurora...*

### ***Apesar da sua imprudência, as mulheres não foram repreendidas***

*Podemos imaginar a enorme preocupação que tomou a todos no Cenáculo, ao darem por falta dessas mulheres. É também o alvoroço que deve ter havido e os olhares de reprovação, quando elas voltaram para contar o que haviam presenciado no túmulo de Jesus. Apóstolos e discípulos não só não acreditaram na narração, como atribuíram tudo à fértil imaginação feminina: “Mas essas notícias pareciam-lhes como um delírio, e não lhes deram crédito”*

(Lc 24, 11). Ao narrar o episódio dos discípulos de Emaús, São Lucas lhes coloca nos lábios um lamento sobre tais mulheres, que haviam assustado a todos no cenáculo (Lc 24, 22).

Apenas São Pedro e São João resolveram se mover para certificar-se do que ouviram, e creram em Santa Madalena depois de examinarem o sepulcro de Jesus (Jo 20, 3-8).

No fim de tudo, as próprias mulheres se deram conta do perigo a que se haviam exposto e da imprudência cometida: “Elas saíram do sepulcro e fugiram trêmulas e amedrontadas; e a ninguém disseram coisa alguma (pelo caminho), por causa do medo” (Mc 16, 8). Esta é a reação característica dos imprudentes: antes do ato, o perigo não existe; após as primeiras configurações deste, o pânico.

Diante desses fatos, tornam-se incompreensíveis as atitudes de Nosso Senhor para com elas. Façamos uma breve recapitulação dos fatos:

1. Por escolha de Jesus, a precedência na pregação do Evangelho cabia aos homens (os doze apóstolos e 72 discípulos). Ora, o mais importante de todos os milagres, o fundamento de nossa fé, a Ressurreição do Senhor Jesus, não é comunicada aos homens em primeiro lugar, mas sim às mulheres. Elas são encarregadas pelo “raboni” de transmitir a Boa Nova para os próprios apóstolos e discípulos, a fim de que estes a anunciem pelo mundo. Por cúmulo, eles nem sequer chegam a lhes dar crédito... (Mc 16, 11).

2. Jesus manda dois Anjos (Lc 24, 4) para lhes comunicar o grande acontecimento (Lc 24, 6); Mc 16, 6; Mt 28, 6). É a primeira vez que no Evangelho deparamos com o termo “ressurreição” após a morte do Senhor.

3. Elas não só não recebem a menor recriminação da parte dos mensageiros celestes, mas são tratadas com enorme bondade e deferência. Um dos Anjos as recebe com palavras carinhosas, procurando logo de início desfazer-lhes o medo e mostrar-lhes que conhecia perfeitamente a alta razão que as movia até ali.

4. Como ficou visto mais atrás, Jesus apareceu a Maria, sua Mãe, logo após sair do sepulcro. Em segundo lugar, a Madalena (Jo 20, 16), com enorme ternura, chamando-a pelo nome. E, em terceiro, às outras mulheres, também com muita bondade, deixando que d’Ele se aproximassem e até osculassem seus pés (Mt 28, 9-10).

### **O amor puro por Jesus acaba compensando as imperfeições**

A esta altura nos perguntamos por que essa diferença de atitude de Jesus, para com elas, de um lado, e para com os Apóstolos, de outro. O trato do Senhor para os Apóstolos é bem descrito por São Marcos: “Finalmente apareceu aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a sua incredulidade e dureza de coração, por não terem dado crédito aos que o viram ressuscitado” (Mc 16, 14). Sua primeira palavra, portanto, segundo o evangelista, é de censura para com eles. Que diferença! Por quê?

Não teria entendido nada dessa sublime lição quem afirmasse que Jesus quis dar preeminência à mulher sobre o homem. Não é este o caso. Na verdade, tais episódios deixam transparecer claramente a essência do Evangelho, que Nosso Senhor havia resumido nos seguintes termos: “Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13, 34). É no perfeito amor a Deus e ao próximo que está a síntese do Evangelho.

*Era tão grande o amor que aquelas mulheres tinham por Jesus que até seu instinto de conservação havia se definhado, no que significasse ir ao encontro d'Ele. Carregavam imperfeições, mas o amor pelo Senhor era puro. E quando esse amor é assim acrisolado, Cristo mesmo toma sobre si a tarefa de aperfeiçoar as ações que a natureza humana decaída venha a realizar.*

*Com essa afirmação, não é nossa intenção fazer uma apologia da imprudência enquanto tal, mas ressaltar como as atitudes irrefletidas das santas mulheres do Evangelho eram compensadas pelo puro amor de Deus – a caridade”.<sup>7</sup>*

### **G) Os "Padres da Igreja" - prefigura dos Doutores**

Estamos acostumados a chamar "Padres da Igreja" aos autores dos primeiros escritos cristãos. Antigamente a palavra "padre" se aplicava a mestre, porque, no uso da Bíblia e do cristianismo primitivo, os mestres são considerados como os pais de seus alunos. Assim, por exemplo, São Paulo em sua Primeira carta aos Coríntios (4, 15): disse: *"Porque ainda que tendes dez mil preceptores em Cristo, sem embargo não tereis muitos pais, posto que quem os engendrou em Jesus Cristo, pelo Evangelho, fui eu".* Santo Irineu declara: *"Quando uma pessoa recebe o ensinamento dos lábios de outro, é chamado filho daquele que lhe instrui, e este, por sua vez, é chamado seu pai".* Clemente de Alexandria observa: *"As palavras são as filhas da alma. Por isso chamamos pai aos que nos tem instruído e todo aquele que é instruído é, enquanto seu dependente, filho de seu mestre".*

Na antiguidade cristã o ofício de ensinar competia ao bispo. Assim, pois, o título de padre lhe foi aplicado primeiramente a ele. As controvérsias doutrinárias do século IV motivaram posteriores desenvolvimentos. O uso da palavra "padre" alcançou uma maior extensão; se fez extensivo a escritores eclesiásticos, sempre que foram reconhecidos como representantes da tradição da Igreja. Santo Agostinho, por exemplo, enumera a São Jerônimo entre os testemunhos da doutrina tradicional do pecado original, embora não fosse bispo.

Vicente de Lerins, em seu "Commonitorio" de 434, chama "Padres", indistintamente, a todos os escritores eclesiásticos, seja qual for seu grau hierárquico:

*"No caso de que surgisse alguma nova questão sobre a qual não se tenha dado ainda tal decisão, haveria que recorrer às opiniões dos santos Padres, ao menos daqueles que, em suas épocas e lugares, permaneceram na unidade de comunhão e de fé e foram tidos por mestres reconhecidos. E tudo o que eles houveram defendido, em unidade de pensamentos e de sentimentos, teria que ser considerado como a doutrina verdadeira e católica da Igreja, sem nenhuma dúvida ou escrúpulo. A posteridade não deveria acreditar nada mais do que a venerável antiguidade dos Padres tem professado unanimemente em Cristo".*

Este princípio de Vicente de Lerins demonstra a importância que se dava já à "prova dos Padres". A primeira lista de escritores eclesiásticos aprovados ou rejeitados como Padres da Igreja se encontra no Decreto "Gelasianum de recipiendis et non recipiendis libris", do século VI...

<sup>7</sup> "Arautos do Evangelho" n. 4, de abril de 2002, artigo de João S. Clá Dias – págs. 13/17.

## Padres-Doutores da Igreja

Hoje em dia temos de considerar como "Padres" da Igreja somente aos que reúnem estas quatro condições necessárias: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Todos os demais escritores são conhecidos com o nome de "*ecclesiae scriptores*" ou "*scriptores ecclesiastici*", expressão cunhada por São Jerônimo. O título de Doutor não é idêntico ao de Padre da Igreja: a alguns dos doutores da Igreja lhes falta a nota de antiguidade, porém, em troca, têm, além das três notas características de "*doctrina orthodoxa, sanctitas vitae et approbatio ecclesiae*", os dois requisitos de "*eminens eruditio et expressa Ecclesiae declaratio*". No Ocidente, Bonifácio VIII declarou que desejava que Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho e São Gregório Magno fossem considerados como "*egregii doctores ecclesiae*". Estes quatro Padres são também considerados como "os quatro grande Padres da Igreja". A Igreja grega venera somente a três "grandes mestres ecumênicos": São Basílio, o Grande, São Gregório de Nazianzeno e São João Crisóstomo, enquanto que a Igreja romana acrescenta a estes três Santo Atanásio, contando desta maneira quatro grande Padres do Oriente e quatro do Ocidente.

Ainda que os Padres da Igreja ocupem um posto importante na história da literatura grega e latina, sua autoridade na Igreja católica se baseia em motivos totalmente distintos. O que dá tão grande importância aos escritores e opiniões dos Padres é a doutrina da Igreja que considera a Tradição como fonte da fé. A Igreja considera infalível o "*unanimis consensus Patrum*" quando versa sobre a interpretação da Escritura. O Cardeal Newman põe bem em relevo a importância deste "consensus" e suas diferenças com as opiniões privadas dos Padres, quando disse:

*"Sigo aos Padres da antiguidade, porém não porque acredite que neste ponto concreto lhes assiste a autoridade que têm quando se trata de doutrinas e preceitos. Quando falam de doutrinas, falam delas como de doutrinas universalmente admitidas. Dão testemunho de que tais doutrinas são aceitas, não só aqui ou ali, mas em todas as partes. Nós aceitamos as doutrinas que eles ensinam desta maneira, não só porque eles as ensinam, mas porque dão testemunho de que em seu tempo as professavam todos os cristãos e em todas as partes. Os tomamos como informadores honrados, mas não como uma autoridade suficiente em si mesmos, ainda quando também tenham certa autoridade. Se, por exemplo, afirmaram estas mesmas doutrinas, porém disseram: "Estas são nossas opiniões; as temos tirado das Escrituras e são verdadeiras", poderíamos duvidar em aceitá-las de suas mãos. Poderíamos afirmar perfeitamente que temos tanto direito como eles para deduzi-las das Escrituras; que as deduções da Escritura são meras opiniões; que, se nossas deduções coincidissem com as suas seria devido a uma afortunada coincidência; porém que, em caso contrário, não podemos evitá-lo: temos de seguir nossas próprias luzes. Indubitavelmente, ninguém tem direito de impor a outro suas próprias opiniões em matéria de fé. É certo que o ignorante tem um claro dever de submeter-se aos que estão melhor informados, e que é justo que o jovem se entregue por um tempo aos ensinamentos dos que são mais velhos que ele; porém, fora disso, a opinião de um homem não é melhor que a de outro. Porém não é este o caso no que diz respeito aos Padres da antiguidade. Eles não falam de suas opiniões pessoais. Não dizem: "Isto é*

*verdade porque nós o vimos na Escritura"- sobre isto poderia haver discrepâncias de opinião - senão: "Isto é verdade porque de fato é afirmado e foi sempre afirmado por todas as Igrejas, desde o tempo dos Apóstolos até nossos dias, sem interrupção". Se trata aqui de uma simples questão de testemunho, quer dizer, de saber se eles dispuseram dos meios necessários para conhecer que tal doutrina havia sido professada e seguia sendo professada desta maneira; porque se era a crença unânime de tantas e tão independentes igrejas, e isso porque a consideravam transmitida pelos Apóstolos, indubitavelmente não podia menos de ser verdadeira e apostólica".*

**Juraci Josino Cavalcante**  
**<http://quodlibeta.blogspot.com>**